

Ana Rita Silva Coelho

Requalificação do “Lima 5”, O legado do SAAL no Porto

Trabalho de Projeto

Mestrado Integrado em Arquitetura

Julho, 2025

Ana Rita Silva Coelho

Requalificação do “Lima 5”, O legado do SAAL no Porto

Trabalho de Projeto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arquitetura, realizada sob a orientação científica do Professor João Carreira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Mário e Luísa, por terem apoiado o meu sonho desde o início, mesmo quando isso significou abdicar da vida que tinham para me dar a oportunidade de viver aquela que eu sonhei. À minha irmã, Maria Inês, por me apoiar incondicionalmente e por ser, desde sempre, a minha maior fã.

À Liliana e à Isabel, por serem as irmãs que escolhi e por estarem ao meu lado ao longo de todos estes anos.

A toda a minha família, em especial ao meu primo engenheiro Paulo, pelo carinho constante, pelas palavras de força e por estarem sempre presentes, mesmo nos momentos mais silenciosos.

À arquiteta Sandra Ferracuti, por me acolher como aprendiz, por acreditar em mim e por me ensinar algo novo a cada dia.

Ao arquiteto João Carreira, meu orientador, agradeço pela disponibilidade, paciência e tempo dedicados ao acompanhamento deste trabalho.

Por fim, aos meus avós, Joaquim e Deolinda. Foram eles que me criaram, que me ensinaram a lutar, a cuidar e a defender tudo aquilo em que acredito. A minha avó partiu em 2019, quando eu dava os primeiros passos nesta jornada. O meu avô foi embora no ano passado, já comigo mergulhada neste trabalho. Ambos acompanharam este percurso à sua maneira, ela na promessa que fiz de ser a primeira neta a formar-se, ele na força silenciosa que me ensinou a persistir. Cada vela acesa diante das suas fotografias foi uma maneira de manter viva a sua presença. Esta tese é, mais do que um trabalho académico, a concretização de um amor antigo, e o cumprimento de uma promessa feita com o coração.

“Ao projetar, é preciso manter em equilíbrio a logica e o absurdo.”

Tadao Ando

RESUMO

Ana Rita Silva Coelho

Requalificação do “Lima 5”, O legado do SAAL no Porto

PALAVRAS-CHAVE: habitação acessível, intervenção urbana, SAAL, Porto, arquitetura participativa.

RESUMO

O presente trabalho propõe a reabilitação do antigo Estádio do Lima, no Porto, através de uma intervenção que integra habitação acessível, uma creche pública e um espaço verde coletivo. Partindo de uma análise sobre a crise habitacional contemporânea, recupera-se o legado do SAAL como matriz de um urbanismo participativo e socialmente enraizado. O projeto Lima 5 propõe-se como resposta à pressão urbanística, à turistificação e à fragmentação do tecido urbano, oferecendo uma alternativa de cidade baseada na proximidade, na memória e no acesso equilibrado ao espaço urbano.

RESUME

Ana Rita Silva Coelho

Requalificação do Lima 5, O legado do SAAL no porto

PALAVRAS-CHAVE: affordable housing, urban rehabilitation, SAAL, Porto, participatory architecture.

RESUME

This project proposes the rehabilitation of the former Estádio do Lima, in Porto, through an intervention that integrates affordable housing, a public nursery, and a collective green space. Based on a critical reflection on the current housing crisis, the project draws on the SAAL legacy as a model for participatory and place-based urbanism. Lima 5 emerges as an alternative to touristification and urban fragmentation, offering a vision of the city rooted in proximity, memory, and spatial justice.

OBJECTIVO DO TRABALHO DE PROJECTO

O principal objetivo deste trabalho é explorar o potencial de reativação de um vazio urbano no centro do Porto — o antigo Estádio do Lima — através de uma proposta de habitação multifuncional. A intervenção pretende responder às carências habitacionais e de equipamentos públicos, promovendo soluções integradas que valorizam o espaço coletivo, o direito à cidade e a continuidade urbana.

Índice

1. Introdução.....	17
2. O lugar.....	23
2.1 A cidade do Porto.....	23
2.2 As ilhas do Porto.....	27
2.3 O Estádio do Lima.....	29
3. Problema.....	35
4.Referencias e Reverencias.....	41
4.1. Berlim: reconstrução e habitação.....	41
4.2. O SAAL no Porto.....	43
4.2. Bairro da Bouça.....	49
4.2. Bairro da Pasteleira.....	53
Projeto.....	57
Considerações finais.....	69
Referencias. Bibliográficas.....	71
Lista de figuras.....	77
Anexos.....	78

1. Introdução

O presente trabalho de projeto tem como ponto de partida o antigo Estádio do Lima, localizado na freguesia do Bonfim, no Porto. Atualmente devoluto, este espaço representa uma oportunidade de intervenção urbana integrada numa zona consolidada da cidade, próxima de equipamentos escolares, transportes públicos e serviços públicos de apoio à comunidade. A intervenção proposta visa responder a um problema concreto da cidade contemporânea: a escassez de habitação acessível em áreas centrais, agravada por fenómenos de especulação, turistificação e exclusão social.

O projeto enquadra-se numa reflexão mais ampla sobre a habitação como componente estruturante da cidade e como direito fundamental. As transformações sociais e políticas ocorridas em Portugal após a revolução de 25 de Abril de 1974 marcaram uma rutura com décadas de ausência de política pública de habitação e de planeamento urbano centralizador e desarticulado. A democracia trouxe consigo uma nova forma de pensar a cidade — mais próxima dos cidadãos, mais sensível às desigualdades territoriais, e mais aberta à participação. Neste contexto, emerge o SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local) como instrumento pioneiro, criado em agosto de 1974 com o objetivo de enfrentar a crise habitacional a partir de processos colaborativos entre técnicos e moradores.

Embora o programa tenha tido expressão nacional, o presente trabalho centra-se no SAAL no Porto, onde a iniciativa teve particular força e continuidade. A cidade apresentava, na altura, um tecido urbano denso, marcado por habitação clandestina, ilhas e bairros degradados. A mobilização dos moradores e a organização das brigadas técnicas permitiram o desenvolvimento de propostas que articulavam arquitetura, ação social e urbanismo. Projetos como o da Bouça, coordenado por Álvaro Siza Vieira, e São Victor, liderado por Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez, são hoje referências incontornáveis de uma prática arquitetónica comprometida com a realidade social e construída a partir do território.



Figura 1. Localização do terreno na malha urbana da cidade do Porto.

Como referia Nuno Portas, então Secretário de Estado da Habitação, “a arquitetura não deve ser um serviço prestado de fora para dentro, mas uma prática que se constrói com os habitantes e as suas experiências”¹. Esta perspetiva implicava um reposicionamento do arquiteto — não como figura autoritária, mas como mediador, capaz de escutar, interpretar e traduzir necessidades em forma habitável. Esse papel permanece atual e orienta a abordagem do presente trabalho.

A proposta de reativação do antigo Estádio do Lima assenta em três pilares principais: habitação acessível, uma creche pública e a criação de um espaço verde coletivo. Estes elementos articulam-se para dar resposta não apenas a carências funcionais, mas também à necessidade de construir vizinhança, promover encontro e reforçar a relação entre os habitantes e o espaço que habitam. A creche assume uma função social e simbólica relevante: é simultaneamente equipamento educativo e ponto de ancoragem comunitária. O espaço verde, por sua vez, surge como lugar de permanência, apropriação e continuidade do uso quotidiano do exterior.

O projeto recupera elementos da habitação operária tradicional da cidade, em particular as ilhas do Porto, como referência morfológica e social. Apesar das suas limitações, as ilhas geraram formas específicas de habitar, baseadas na partilha de espaços, na circulação comum e na vida comunitária de escala reduzida. Estas características são reinterpretadas à luz das exigências contemporâneas, através da introdução de corredores partilhados, átrios abertos, pátios acessíveis e percursos que valorizam o uso pedonal e a apropriação coletiva.

A proposta adota uma abordagem metodológica que privilegia a leitura do lugar como ponto de partida. Observam-se os traçados, os ritmos, os vazios e os limites existentes, valorizando a continuidade urbana em vez da substituição total. O projeto recusa a imposição de um objeto formal fechado e aposta antes na construção de um conjunto edificado enraizado na sua envolvente. A intervenção procura ser contida, mas transformadora.

¹ Portas, Nuno — Habitar Portugal, ed. FAUP.



Figura 2. Planta de enquadramento urbano e acessibilidades ao local de intervenção.

A referência à reconstrução urbana de Berlim após a Segunda Guerra Mundial surge como contraponto. Nesse contexto, privilegiou-se uma abordagem tecnocrática e funcionalista, assente em grandes conjuntos isolados e com limitada integração no tecido pré-existente. O contraste com o modelo do SAAL é evidente: onde Berlim aplicou soluções generalistas, o SAAL propunha soluções locais, participadas e adaptadas. O presente trabalho alinha-se com esta última visão, centrada na escuta, na escala do bairro e na resposta às necessidades locais.

Tal como sintetiza Nuno Portas, “a cidade deve ser pensada como lugar de habitação antes de ser pensada como objeto de representação”². Neste sentido, mais do que responder com forma, o objetivo é responder com lugar: um espaço funcional e acessível.

Este trabalho de projeto é, assim, uma oportunidade para refletir sobre o papel da arquitetura na transformação do território e na produção de espaços que promovem inclusão, identidade e pertença. A memória do SAAL no Porto, o estudo das ilhas e a análise do contexto das dinâmicas locais são aqui convocados como base para a construção de uma proposta coerente, situada e consciente.

² Portas, Nuno — Habitar Portugal, ed. FAUP.

2. O lugar

“A união entre o passado e o futuro está na própria ideia de cidade que a percorre.”

Aldo Rossi

O território de intervenção — o quarteirão do antigo Estádio do Lima — inscreve-se numa zona consolidada da cidade do Porto, marcada simultaneamente por dinâmicas de abandono, memória coletiva e potencial de reativação. Este vazio urbano não é apenas um espaço físico inativo, mas um fragmento de cidade com relevância histórica, social e arquitetónica. Compreender o lugar exige uma leitura que articule a sua evolução morfológica, a presença dos equipamentos, a estrutura viária e as relações de vizinhança.

Tal como defende Aldo Rossi, “a área, sob o ponto de vista geográfico, é essencial para a descrição de uma cidade e, juntamente com a localização e com a situação, é um importante elemento para classificar cidades diferentes”³. A partir desta perspetiva, este capítulo propõe uma leitura do local com base no conceito de *área-estudo*, entendido como um recorte urbano passível de análise integrada — onde se cruzam traçados, usos, temporalidades e formas de habitar.

A estrutura do capítulo divide-se em duas partes. A primeira contextualiza o bairro do Bonfim, com foco na história urbana, nos processos de transformação recentes e na inserção do Estádio do Lima como vazio estrutural e simbólico. A segunda parte analisa o conjunto habitacional Luso-Lima, projetado por José Carlos Loureiro e Luís Pádua Ramos, cuja abordagem moderna e preocupação com a vivência coletiva constituem uma referência direta para a proposta Lima 5.

2.1 A cidade do Porto

A cidade do Porto tem vindo a atravessar, nas últimas décadas, um processo de transformação acelerada, resultante de fenómenos económicos, sociais e culturais que se manifestam à escala global, mas que, aqui, assumem contornos

³ Rossi, Aldo — *A Arquitetura da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2021, p. 44.

Vista aérea do Complexo Desportivo do A. S. C., antes da expropriação.



ESTÁDIO DO LIMA
O Estádio do Lima foi inaugurado em 16 de Março de 1924 e foi reaberto em 1997.

Figura 3. Fotografia do antigo Estádio do Lima.

particularmente visíveis. Classificada como Património Mundial da UNESCO em 1996, a área central da cidade passou a integrar um novo ciclo de valorização territorial, acompanhado pela intensificação do turismo, pela reabilitação imobiliária e pela reconfiguração dos modos de habitar.

A reabilitação do edificado — largamente impulsionada por incentivos fiscais e políticas de incentivo ao investimento estrangeiro — não foi acompanhada por uma estratégia clara de salvaguarda da função habitacional permanente. Com isso, muitos bairros centrais passaram a ser ocupados por alojamentos de curta duração ou reconvertidos para segmentos de rendimento elevado, originando processos de gentrificação e expulsão das populações residentes. O tecido social tradicional da cidade foi progressivamente fragmentado, e o acesso à habitação tornou-se cada vez mais restrito nas zonas bem servidas por infraestruturas e equipamentos.

Paralelamente, o centro do Porto passou a viver uma tensão constante entre a sua memória material e os usos contemporâneos. Edifícios devolutos, terrenos vazios e espaços expectantes coexistem com áreas em intensa valorização imobiliária. Esta fragmentação física e social da cidade cria zonas de descontinuidade, que funcionam como barreiras invisíveis entre diferentes grupos sociais. Os vazios urbanos tornam-se, assim, territórios ambíguos — ora ameaçados pela especulação, ora disponíveis para a experimentação de novos modelos de habitar.

É neste contexto que se inscreve a presente proposta. Ao escolher intervir num dos vazios urbanos mais relevantes da freguesia do Bonfim — o antigo Estádio do Lima — o projeto assume uma posição crítica: propõe construir cidade a partir do que resta, com os recursos existentes, e de forma acessível. O Bonfim, freguesia central da cidade, mantém uma relação direta com o centro histórico, mas tem sido também um território de transição — entre o antigo e o novo, o consolidado e o instável, o habitado e o desabitado.

O projeto assume, assim, um posicionamento estratégico: atuar num ponto de articulação urbana, resgatando a função habitacional e promovendo a requalificação de um espaço devoluto através de uma lógica de continuidade e de integração. Ao fazê-lo, procura dar resposta à crise da habitação não a partir de grandes operações urbanas, mas de gestos localizados, com impacto direto na qualidade de vida e nas relações de vizinhança.



26

2.2 As ilhas do Porto

As ilhas do Porto são uma das expressões mais particulares da habitação operária na cidade. Surgidas sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, em resposta à industrialização e ao crescimento da população urbana, as ilhas consistiam em conjuntos de habitações unifamiliares dispostas linearmente no interior dos quarteirões, com acesso comum por um corredor estreito, a partir da rua principal. Em muitas freguesias centrais — como o Bonfim, Campanhã ou Paranhos — as ilhas tornaram-se a solução dominante para o alojamento da classe trabalhadora.

Com uma morfologia repetitiva, limitada e de fraca qualidade construtiva, as ilhas foram, durante décadas, associadas a condições de precariedade, insalubridade e sobrelotação. No entanto, ao longo do tempo, muitas destas estruturas revelaram uma capacidade notável de gerar formas de vizinhança, apoio mútuo e organização comunitária. O acesso comum, a presença de pátios partilhados e a proximidade entre unidades habitacionais favoreceram o desenvolvimento de uma sociabilidade particular — feita de rotinas cruzadas, encontros espontâneos e apropriação informal do espaço exterior.

Apesar das transformações urbanas e das políticas de reabilitação, muitas ilhas subsistem hoje na cidade, ora degradadas, ora integradas em processos de reconversão. Do ponto de vista arquitetónico, a sua estrutura elementar continua a oferecer lições relevantes sobre habitar coletivo: a importância do limiar, a relação direta com o exterior, a partilha do acesso, a coexistência entre o individual e o comum.

A proposta aqui apresentada apropria-se desses princípios para reinterpretá-los numa linguagem contemporânea. O projeto introduz a lógica do corredor comum como espaço de mediação e vizinhança, não apenas no plano térreo, mas também em desenvolvimento vertical, entre pisos e unidades habitacionais. Essa circulação partilhada adquire, assim, um papel central na organização funcional e relacional do edifício, reforçando a ideia de comunidade e de presença constante no espaço comum.

Entre a creche e os blocos de habitação, o projeto propõe ainda a existência de um espaço verde coletivo, inspirado nos pátios das ilhas, que funciona como prolongamento do quotidiano para o exterior. Este vazio estruturado não é entendido



Figura 5. Evolução histórica do quarteirão e do vazio urbano.

como resto ou separação, mas como elemento ativo de convivência, articulando diferentes usos, idades e temporalidades. A proximidade física entre o habitar e o cuidar — entre casa e creche — espelha a estrutura familiar ampliada e reforça os laços de vizinhança.

Neste sentido, as ilhas do Porto não são aqui evocadas como modelo a reproduzir, mas como referência cultural e morfológica, cuja lógica de uso partilhado e apropriação quotidiana do espaço exterior continua a oferecer alternativas pertinentes à habitação individualizada e isolada que marca grande parte da produção atual. A sua leitura crítica permite projetar soluções mais próximas da realidade vivida, incorporando o coletivo como matéria de projeto.

2.3 O Estádio do Lima

O Estádio do Lima localiza-se na freguesia do Bonfim, na cidade do Porto, inserido num lote de grandes dimensões que hoje se apresenta como uma ruína urbana exposta. Sem cobertura vegetal controlada, sem limites edificados definidos e sem qualquer função ativa, o local encontra-se devoluto e degradado, com vegetação espontânea, restos de muros, entulho disperso e estruturas fragmentadas em betão. O que outrora foi um campo desportivo central na vida do bairro é hoje um vazio aberto, exposto ao abandono, e totalmente desconectado da vida urbana envolvente.

A origem do estádio remonta aos primeiros anos do século XX, acompanhando o crescimento do movimento associativo e desportivo da cidade. Durante décadas, funcionou como espaço de prática desportiva, convívio e pertença coletiva, assumindo um papel identitário para a comunidade local. Com a perda de centralidade do clube e o desinvestimento no recinto, o estádio entrou em processo de abandono progressivo, tornando-se um terreno expectante no seio da cidade consolidada.

Uma das primeiras decisões de projeto consistiu em prolongar o percurso pedonal existente no edifício Lima 5, situado a sul do estádio. Esse edifício, de habitação multifamiliar, inclui um acesso público que liga parcialmente a Rua do Lima à Rua da Constituição, através de um corredor utilizado informalmente por moradores da zona. Atualmente, esse percurso é bruscamente interrompido pela ruína do estádio, que



Figura 6. Fotografia antiga estádio do Lima

atua como barreira física e simbólica dentro do quarteirão. O projeto propõe a continuação e abertura desse eixo, atravessando o recinto e transformando-o num corredor urbano estruturante, capaz de reativar as ligações entre ruas e de introduzir novos ritmos de circulação, permanência e apropriação do espaço público.

De forma complementar, destaca-se a presença do Conjunto Habitacional Luso-Lima, localizado na Rua da Alegria, projetado em 1963 pelos arquitetos José Carlos Loureiro e Luís Pádua Ramos, por encomenda da Santa Casa da Misericórdia do Porto. O conjunto constitui uma referência da arquitetura moderna portuguesa, procurando uma síntese entre os princípios do Movimento Moderno — construção em altura, recuo em relação à rua, libertação do solo — e elementos da arquitetura tradicional. Esta proposta antecipava preocupações com o espaço coletivo e a integração urbana, valores que o projeto Lima 5 recupera e reinventa à sua escala. Ao contrário do Luso-Lima, que atua sobre um quarteirão formalizado, o projeto Lima 5 intervém sobre uma ruína urbana exposta, propondo novas formas de habitar e apropriar o espaço público no contexto contemporâneo.

O nome do projeto — Lima 5 — nasce da observação do lugar e da sua dimensão simbólica. Para além do estádio, o quarteirão é marcado por um pequeno café de esquina, o Café Lima 5, com presença histórica e reconhecimento entre os habitantes locais. Este espaço de encontro informal funcionou como referência direta para a designação do projeto, associando a memória afetiva e social do bairro à sua nova centralidade urbana.

A proposta de intervir neste vazio parte da leitura do seu potencial como espaço de reconexão urbana. O estádio não é entendido como objeto a preservar ou demolir, mas como estrutura existente, à espera de nova função. O projeto propõe uma ocupação seletiva do lote, respeitando a sua forma e escala, e introduzindo usos de proximidade — habitação acessível, creche e espaço público — que devolvam vida ao interior do quarteirão e reativem os fluxos entre ruas e edifícios.

A proposta explora ainda a possibilidade de manter vestígios físicos do antigo estádio, seja através da manutenção parcial da topografia, da reutilização de elementos estruturais existentes, ou da incorporação de traçados e alinhamentos no desenho final. Esta estratégia permite reconhecer a características do local, sem cair numa



Figura 7. Fotografia do mural atual

lógica de musealização, e inscreve o novo programa numa continuidade urbana e simbólica com o passado.

3. Problema

A habitação, ao longo da história, tem-se afirmado como uma das expressões mais sensíveis das crises sociais e políticas. Momentos de grande instabilidade — sejam guerras, revoluções, ditaduras ou colapsos económicos — deixam um impacto profundo na organização da cidade e nas formas de viver. A arquitetura, enquanto prática situada entre a política e o espaço, é frequentemente convocada para responder a esses períodos de exceção, sendo chamada a construir alternativas habitacionais que reflitam novos valores e necessidades coletivas.

O caso de Berlim no pós-guerra, por exemplo, revelou uma cidade devastada, física e simbolicamente, onde a reconstrução urbana passou pela criação de novos modelos de habitação que articulassem eficiência construtiva, racionalidade e dignidade mínima para uma população profundamente afetada. Em Portugal, o fim do Estado Novo e a Revolução de Abril desencadearam, por sua vez, o surgimento de um movimento arquitetónico singular: o Serviço de Apoio Ambulatório Local (SAAL), que entre 1974 e 1976 propôs uma nova forma de intervir no território — próxima das populações, dos bairros e das necessidades urgentes de habitação. Essa experiência, profundamente enraizada na realidade portuguesa, procurou restituir à arquitetura o seu papel cívico e coletivo, indo além da construção para afirmar o direito à cidade.

É a partir desta linha histórica que se deve entender a crise habitacional contemporânea, intensificada pelo contexto pandémico da COVID-19. O confinamento global, as alterações nos modos de trabalhar, o regresso forçado à esfera doméstica e a retração económica revelaram com clareza as fragilidades do sistema habitacional existente. Em cidades como o Porto, onde a pressão turística e o financiamento do solo urbano já vinham alterando profundamente o perfil dos bairros centrais, a pandemia agravou a exclusão habitacional e acelerou a expulsão de residentes.

O bairro do Bonfim, onde se localiza a presente proposta, sintetiza muitas dessas tensões. Zona central, mas ainda marcada por vazios, edifícios devolutos e dinâmicas sociais heterogéneas, o Bonfim encontra-se num ponto de inflexão: entre a

gentrificação e a possibilidade de regeneração inclusiva. A presença de um terreno em ruína — o antigo Estádio do Lima — torna-se, neste contexto, uma oportunidade para reintroduzir funções essenciais ao quotidiano urbano, com impacto direto na qualidade de vida.

O projeto Lima 5 propõe, nesse sentido, uma abordagem que não se limita a resolver um problema físico — o vazio — mas que procura responder a questões programáticas, sociais e arquitetónicas. A escolha de integrar habitação acessível e uma creche pública não é arbitrária. Por um lado, a cidade enfrenta um défice real de equipamentos para a infância. De acordo com dados recentes, a oferta de creches no Porto está longe de responder à procura existente, particularmente em zonas centrais onde a intervenção urbana raramente inclui funções públicas. Por outro lado, a crise habitacional não pode ser dissociada da ausência de redes de apoio e de serviços de proximidade — fatores decisivos na escolha de permanecer ou sair de um bairro.

Como defende Nuno Portas, a habitação deve ser entendida “não só como o espaço do viver privado, mas também como o suporte da vida em comum”⁴. A articulação entre o habitar e o cuidar — entre a casa e a creche, entre o pátio e a rua — torna-se, assim, fundamental para consolidar comunidades urbanas sustentáveis. O projeto parte dessa premissa: criar um sistema de relações, de vizinhança e de usos, que vá além da função construtiva e contribua para a coesão social.

A decisão de não transformar o vazio num centro desportivo ou equipamento isolado prende-se com a vontade de recuperar o espírito do SAAL, onde o desenho urbano nascia do quotidiano dos habitantes. O programa não é imposto de fora, mas pensado como resposta integrada a carências reais: a falta de habitação a preços acessíveis, a escassez de creches, a ausência de espaços públicos qualificados, e a necessidade urgente de reocupar o centro com vida permanente.

Neste sentido, o problema não é apenas o abandono do Estádio do Lima, mas a forma como ele espelha um fenómeno mais vasto: a incapacidade de reconverter os vazios urbanos em oportunidades coletivas. A proposta de intervenção procura, por isso, ser mais do que um gesto arquitetónico — é um posicionamento político e social sobre o

⁴ PORTAS, Nuno. Arquitetura e Urbanismo: entre o projeto e a política, Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

que significa, hoje, construir cidade com base na equidade, na memória e no uso partilhado do espaço.

4. Referencias e Reverencias

No desenvolvimento do projeto Lima 5, é inevitável reconhecer o papel das referências teóricas e arquitetônicas na formulação do pensamento crítico que sustenta as opções tomadas. A investigação não se constrói isoladamente, mas a partir de uma rede de precedentes, experiências e modelos que iluminam caminhos possíveis. Entre os muitos exemplos disponíveis, destacam-se dois contextos particularmente relevantes: por um lado, a cidade de Berlim, marcada pelas reconstruções do pós-guerra e pela experimentação habitacional de matriz moderna; por outro, a experiência portuguesa do SAAL no Porto, enquanto expressão máxima de uma arquitetura habitacional pública, participada e enraizada no lugar.

Este capítulo propõe, assim, a análise de três dimensões interligadas: o contexto europeu da reconstrução, com enfoque em Berlim; o programa SAAL no Porto e as suas manifestações arquitetônicas; e, por fim, dois estudos de caso aprofundados — o Bairro da Bouça e o Bairro da Pasteleira — que informam diretamente as decisões projetais do Lima 5.

4.1. Berlim: reconstrução e habitação

A cidade de Berlim representa, no contexto europeu do século XX, um dos exemplos mais paradigmáticos da relação entre arquitetura, crise e reconstrução. Devastada durante a Segunda Guerra Mundial, dividida durante a Guerra Fria, e reconstruída em múltiplas fases sob diferentes regimes, Berlim tornou-se laboratório vivo de soluções habitacionais orientadas para o coletivo, para a normalização da vida quotidiana e para a recuperação simbólica do território.

A reconstrução do bairro Hansaviertel, integrado na exposição Interbau de 1957, convocou arquitetos como Walter Gropius, Oscar Niemeyer, Arne Jacobsen e Alvar Aalto. O objetivo era afirmar a modernidade democrática da Berlim Ocidental, criando um bairro modelo, com habitação coletiva, construção em altura, zonas verdes amplas e separação funcional de tráfego. Destaca-se, entre os edifícios, o projeto de Oscar Niemeyer, que introduz varandas corridas e pilares em V, num bloco habitacional que articula leveza e monumentalidade — características recorrentes na



Figura 8. Berlin-Neukölln, Ortsteil Britz

sua obra. O Hansaviertel tornou-se símbolo de como a arquitetura moderna poderia responder com dignidade à destruição física e moral da guerra.

Décadas mais tarde, com a Internationale Bauausstellung (IBA) de 1987, Berlim voltaria a convocar a habitação como instrumento urbano. A IBA recuperou áreas centrais degradadas, promovendo reabilitação crítica e diversificação tipológica, com foco na inclusão social e na reconstrução de tecido urbano denso. Esta fase marcou uma rutura com o funcionalismo ortodoxo e reintegrou a rua, o quarteirão e a escala do peão no desenho habitacional, antecipando preocupações que, hoje, voltam a ser centrais.

A relevância de Berlim no contexto desta dissertação não é apenas conceptual, mas também experiencial. A viagem académica realizada à cidade em 2023 permitiu o contacto direto com estas realidades construídas. A observação dos conjuntos habitacionais, dos espaços públicos intersticiais e da relação entre edifício e cidade tornou evidente a importância de estratégias integradas de habitação e espaço coletivo.

A proposta Lima 5 aproxima-se destas referências não pela repetição formal, mas pela filiação ideológica e urbanística. Tal como em Berlim, também aqui se parte de um território fraturado, onde a intervenção arquitetónica procura recuperar a continuidade da vida urbana. Tal como nas experiências berlinenses, também aqui se rejeita a tabula rasa, optando por preservar e reinterpretar as estruturas pré-existentes. E, acima de tudo, tal como nesses exemplos, reconhece-se na habitação coletiva e nos equipamentos de proximidade um potencial de reconstrução social, simbólica e urbana.

4.2. O SAAL no Porto

Após a Revolução de Abril de 1974, Portugal encontrava-se mergulhado numa grave crise habitacional, consequência de décadas de políticas centralizadas, ausência de planeamento urbano efetivo e crescimento desordenado das cidades. O SAAL – Serviço de Apoio Ambulatório Local, idealizado por Nuno Portas enquanto Secretário de Estado da Habitação, representou uma rutura com os modelos anteriores, ao propor uma forma de intervenção que unia técnicos, arquitetos e moradores



Figura 9. Altonaer Straße 4-14

organizados. No lugar de uma produção habitacional homogênea e institucional, o SAAL introduzia participação, adaptação ao lugar e ação coletiva como base do projeto arquitetónico.

A cidade do Porto, à data, era particularmente marcada pela precariedade habitacional. O centro histórico e os seus bairros limítrofes estavam densamente ocupados por ilhas — pequenos aglomerados habitacionais construídos no interior dos quarteirões — que, embora organizados por relações de vizinhança estreita, ofereciam condições sanitárias e espaciais profundamente degradadas. Esta realidade urbana, aliada à existência de movimentos populares fortes e organizados, como as comissões de moradores, tornou o Porto num dos epicentros do SAAL a nível nacional.

Foi também no Porto que a articulação entre as equipas técnicas e as populações locais encontrou uma expressão particularmente coerente. A proximidade entre o pensamento da chamada “Escola do Porto” — marcada por uma arquitetura atenta à realidade, à escala do habitar, à memória construída — e os princípios do SAAL criou um terreno fértil para a experimentação. Os arquitetos não eram meros executores técnicos: tornavam-se mediadores políticos, intérpretes do território, projetistas com consciência social.

O exemplo mais emblemático desta articulação é o Bairro da Bouça, projetado por Álvaro Siza Vieira, cuja execução iniciou-se em 1975. O projeto, embora apenas parcialmente construído na época, propunha uma nova malha urbana, composta por blocos paralelos com habitações modulares e corredores aéreos, interligados por pátios interiores e espaços comuns. Era uma solução que respondia tanto à necessidade de densificação urbana com baixo custo, como à apropriação simbólica e funcional do espaço pelos seus habitantes. O desenho revelava uma clara intenção de construir cidade, e não apenas alojamento.

O Bairro de São Victor, da autoria de Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez, representa outra vertente do SAAL no Porto: a intervenção sobre o tecido pré-existente. Aqui, em vez de criar estruturas de raiz, a proposta respeitou os muros, caminhos e relações espaciais herdadas da antiga ilha onde se inseria. Foi uma abordagem de continuidade, de escuta, onde o projeto emergia do lugar, e não se



Figura 10. Revolução de abril no porto

impunha sobre ele. A solução arquitetónica não procurava visibilidade, mas sim aderência ao real, garantindo conforto, permanência e identidade.

Mas o SAAL no Porto não se limitou a estes dois casos. Diversos outros bairros foram projetados e, em parte, executados. O Bairro das Antas propunha uma reorganização profunda da ocupação urbana, com introdução de novas tipologias agregadas por espaços de circulação pedonal e zonas de estadia. Em São Roque, os arquitetos enfrentaram a forte inclinação do terreno com soluções escalonadas, tirando partido da topografia para definir acessos independentes e pátios protegidos. O Bairro de Lordelo do Ouro, situado junto ao Douro, combinava a reabilitação de núcleos edificados com a introdução criteriosa de novos volumes, garantindo coerência volumétrica e integração paisagística.

Na zona de Campanhã, marcada pela transformação industrial e abandono progressivo, a proposta SAAL explorava a repetição de módulos habitacionais compactos e a criação de microcentralidades dentro do lote. A intervenção na Pasteleira baseava-se em unidades evolutivas, de pequena escala, inseridas numa estrutura urbana aberta, com zonas verdes comuns e pátios interiores. No bairro da Fonte da Moura, o projeto reinterpretava a lógica das ruas estreitas e quintais coletivos, introduzindo novas construções alinhadas com o traçado anterior, mas com melhor desempenho habitacional. Já em Lomba, o trabalho foi de regularização da ocupação informal, substituindo as construções precárias por unidades construídas com materiais duráveis, mantendo o desenho parcelar e as entradas individuais diretamente da rua.

Operações de menor escala, como Antas Norte, Carvalhido e Cedofeita, mantiveram os princípios: intervir com sobriedade, usar materiais económicos e tipologias adaptadas ao lugar, muitas vezes integrando alpendres, escadas exteriores, varandas corridas e zonas de transição entre privado e público, que permitiam uma apropriação flexível do espaço e um sentido de comunidade alargada.

Em todos os casos, o SAAL no Porto procurou, acima de tudo, preservar a vida onde ela já existia. A casa era pensada como prolongamento da rua, e o bairro como extensão da casa. O projeto habitacional tornava-se, assim, um ato político e cultural, que recusava o modelo de reassentamento distante, impessoal e desconectado da



Figura 11. Bairro de São Vitor /SAAL Norte

realidade do quotidiano. Foi esse entendimento que orientou todo o processo: o de que habitar é mais do que ocupar um espaço — é criar pertença.

O papel de Nuno Portas foi, aqui, incontornável. Para além de ter promovido institucionalmente o programa, Portas foi responsável por sedimentar, teoricamente, a ideia de que a habitação social deveria ser pensada como arquitetura pública, onde a forma, o uso e o espaço se entrelaçassem com as condições concretas da vida urbana. A sua ação, tanto política como crítica, moldou o SAAL como um momento raro em que a arquitetura em Portugal se posicionou no centro do debate democrático.

O projeto Lima 5 inscreve-se nesta linha de pensamento. Ao intervir sobre um vazio urbano, com história, apropriação e ruína, e ao propor habitação e equipamento público articulados por espaço coletivo, o projeto não pretende replicar o SAAL, mas dar continuidade ao seu espírito transformador. Responder à crise habitacional de hoje com ferramentas arquitetónicas conscientes, justas e enraizadas no lugar, é reafirmar que a cidade pode — e deve — ser construída com quem a habita.

4.2. Bairro da Bouça

O Bairro da Bouça, projetado por Álvaro Siza Vieira, é uma das obras mais emblemáticas do programa SAAL e da arquitetura portuguesa do pós-revolução. Localizado numa zona residual da cidade do Porto — marcada por uma antiga zona industrial, ruídos da linha ferroviária e uma ocupação fragmentada —, o projeto reflete de forma exemplar a resposta arquitetónica a uma situação de carência, urgência e conflito urbano.

A encomenda partiu diretamente da organização de moradores locais, muitos deles habitantes precários de ilhas e barracas, que exigiam uma solução habitacional digna, mas sem serem afastados do local onde sempre viveram. O projeto da Bouça foi desenvolvido com base em uma análise do contexto das necessidades da comunidade, num processo intensamente participativo. Siza Vieira, ainda jovem arquiteto, desenhou o bairro em colaboração com os habitantes, propondo uma solução que articulava densidade urbana, modularidade construtiva e espaço comum.



Figura 12. Bouça Social Housing, Porto

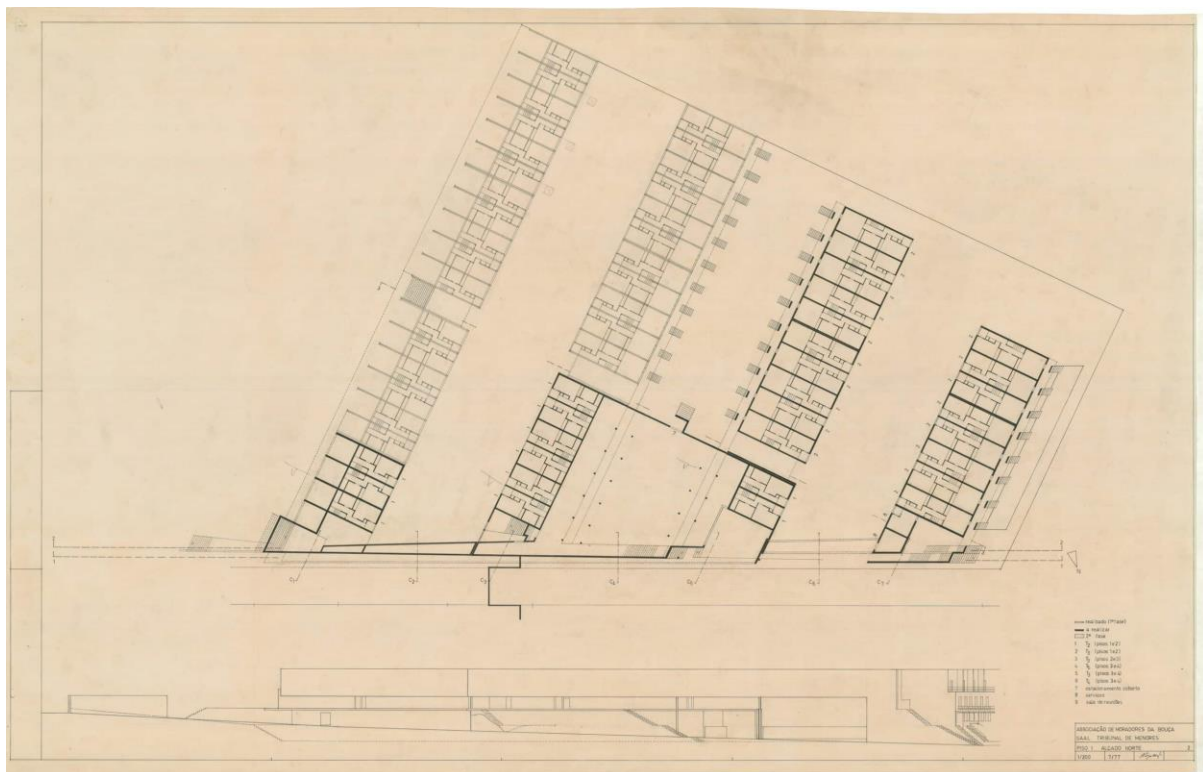
O plano original previa 128 fogos habitacionais, dispostos em quatro blocos lineares paralelos, com acesso por corredores elevados ao longo dos volumes. Esta solução técnica, inspirada em parte na Unité d'Habitation de Le Corbusier, permitia criar percursos semiprivados e estimular a convivência entre vizinhos. Ao mesmo tempo, a elevação dos corredores afastava os acessos do nível da rua, garantindo maior privacidade e segurança para as habitações.

As tipologias são modulares e repetitivas, mas dotadas de variações internas e pequenas aberturas estratégicas que permitem a ventilação cruzada e o aproveitamento solar. Os fogos são maioritariamente em duplex, com áreas reduzidas, mas bem organizadas, adaptadas ao quotidiano das famílias com baixos rendimentos. Os materiais utilizados eram económicos, acessíveis e facilmente montáveis: betão armado, alvenaria simples, caixilharias metálicas. A austeridade formal não compromete a qualidade do espaço — antes, reforça a dignidade do habitar.

Outro aspeto central do projeto é a estrutura urbana que propõe. Em vez de um bairro fechado ou segregado, Siza desenha um sistema de pátios, ruas pedonais, recuos e ligações transversais que integram o bairro na malha existente. Há uma clara intenção de continuidade com a cidade real, em oposição às soluções tabulares e isoladas dos modelos habitacionais anteriores. O bairro é aberto, atravessável, vivo.

A construção, no entanto, foi interrompida em 1976, com apenas 56 fogos construídos. O fim do SAAL, por motivos políticos e administrativos, deixou o bairro inacabado durante quase 30 anos. Só em 2004, com apoio do programa PROHABITA, o projeto foi retomado e concluído, seguindo os traços originais de Siza. Este hiato temporal conferiu ao bairro um duplo estatuto: ruína e ícone, símbolo tanto do potencial transformador do SAAL como da sua fragilidade face às instabilidades do sistema político.

Hoje, a Bouça é reconhecida como património arquitetónico e social. Não apenas por ser uma obra de autor, mas por encarnar um modelo de produção habitacional que coloca o projeto ao serviço da coletividade. O bairro mantém ainda os moradores originais e uma dinâmica de apropriação muito própria, com intervenções vernaculares, transformações internas e usos espontâneos dos espaços coletivos. Esta vitalidade é, em si, prova do êxito da proposta.



O Bairro da Bouça representa, assim, uma síntese entre rigor arquitetónico, ética social e projeto urbano. É uma lição de como a arquitetura pode responder a condições materiais difíceis sem ceder à banalidade ou ao desespero. E é, acima de tudo, uma referência direta para o projeto Lima 5, que também procura agir sobre um vazio urbano marcado por ruína e permanência, propondo habitação acessível, espaço coletivo e continuidade com o lugar.

4.2. Bairro da Pasteleira

O Bairro da Pasteleira, no Porto, representa uma das experiências mais densas e arquitetonicamente ricas do processo SAAL. Embora o bairro já tivesse sido parcialmente projetado antes da Revolução — entre 1964 e 1973 — pelos arquitetos Pedro Ramalho e Sérgio Fernandez, a intervenção posterior no âmbito do SAAL, a partir de 1974, retoma e amplia o espírito participativo, adaptando o projeto inicial às novas exigências sociais e políticas do período.

Situado numa zona alta da cidade, na freguesia de Lordelo do Ouro, o bairro surge como resposta à necessidade de realojamento de populações oriundas de construções informais em áreas degradadas. A proposta SAAL para a Pasteleira procurava manter a comunidade unida, promovendo a habitação em banda com base em unidades modulares repetitivas, de baixo custo e fácil execução, mas com uma forte preocupação em relação à qualidade do espaço coletivo e à possibilidade de apropriação progressiva.

A organização espacial do bairro baseia-se em blocos habitacionais com três a quatro pisos, implantados segundo uma lógica racional e funcional. Estes blocos são ligados por galerias exteriores superiores, funcionando como “ruas aéreas”, numa clara referência ao trabalho dos arquitetos britânicos Alison e Peter Smithson. As circulações elevadas não só permitem o acesso direto às habitações, como funcionam como espaços de encontro e convivência, gerando sociabilidade e segurança.

Cada unidade habitacional foi pensada com flexibilidade interna, permitindo adaptações consoante as necessidades das famílias. As divisões interiores respeitam a lógica do quotidiano: zona social virada ao exterior, zona íntima mais protegida. A



Figura 14. Bairro da Pasteleira

utilização de materiais simples e resistentes, como o tijolo aparente, o betão armado e caixilharias metálicas, confere uma imagem coerente e sóbria ao conjunto, e garante durabilidade e economia de manutenção.

Além do edificado, a intervenção SAAL na Pasteleira reforçou a importância do espaço exterior comum. O bairro é estruturado por espaços verdes e pátios coletivos, desenhados para favorecer o lazer, o convívio e a apropriação por parte da comunidade. Esses vazios entre edifícios, tratados como parte do projeto arquitetónico, constituem o verdadeiro coração do bairro — zonas que não são nem totalmente públicas nem estritamente privadas, mas territórios partilhados, moldados pelo uso.

Outro aspeto notável é o diálogo entre o projeto e a topografia. A zona da Pasteleira apresenta um relevo acidentado, e a implantação dos blocos procura acompanhar a pendente, garantindo acessibilidade e vistas. O projeto, mesmo com limitações de financiamento e constrangimentos políticos, revela um equilíbrio entre racionalidade construtiva e sensibilidade ao contexto físico e humano.

A experiência da Pasteleira mostra como a arquitetura pode funcionar como ferramenta de coesão social. Ao promover uma habitação acessível, adaptável e dotada de infraestruturas de uso comum, o projeto transcende a sua função técnica e inscreve-se numa lógica de cidadania urbana. A memória coletiva da Pasteleira, ainda hoje viva, confirma o valor das soluções SAAL baseadas na escuta e na adaptação.

Para o projeto Lima 5, a Pasteleira oferece lições essenciais: a importância dos espaços de circulação como espaços de sociabilidade, o valor dos vazios articuladores entre os volumes, e a capacidade de desenhar habitação evolutiva, enraizada no lugar e pensada para crescer com a vida. Assim como na Pasteleira, o Lima 5 procura ser mais do que um conjunto de casas: procura ser um território habitável, apropriável e partilhado.



Figura 15. Bairro da Pasteleira

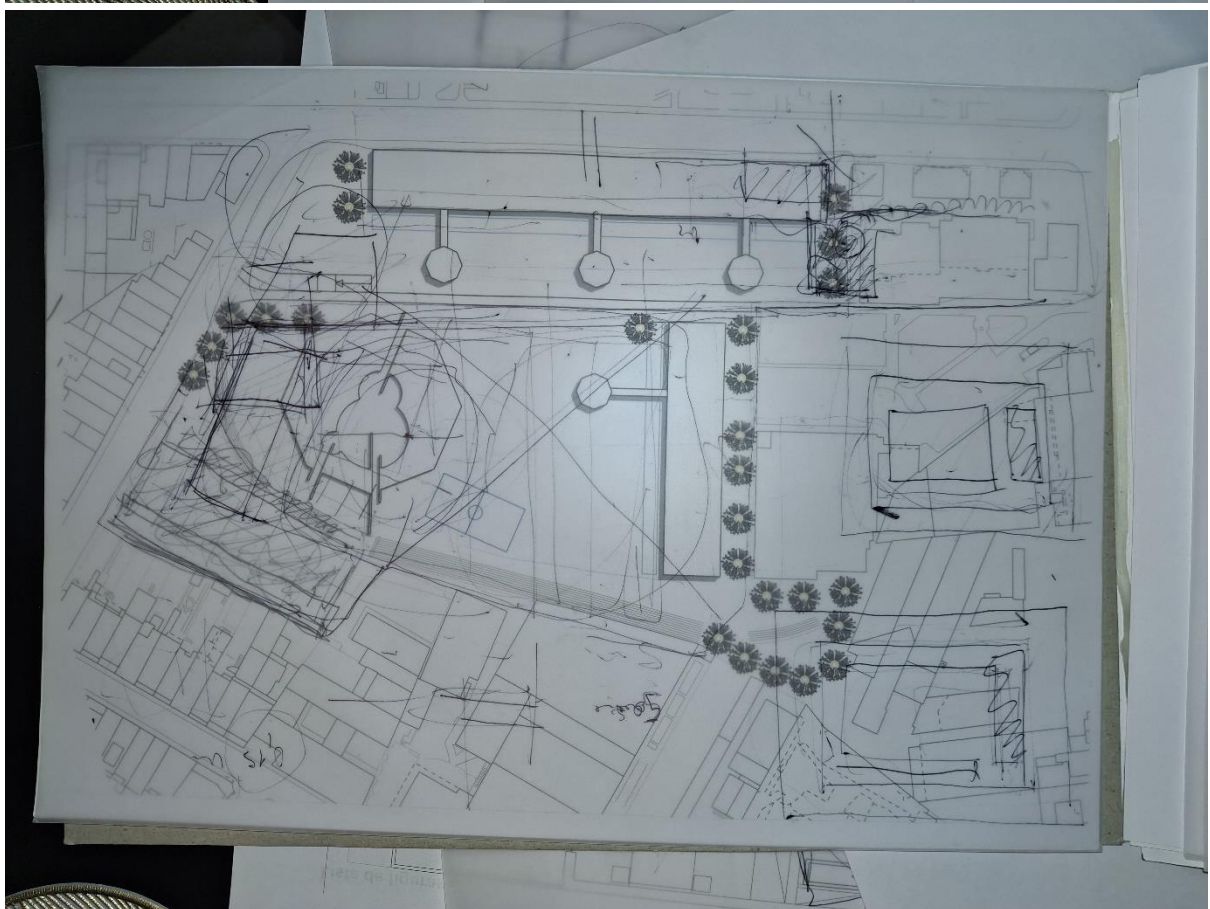
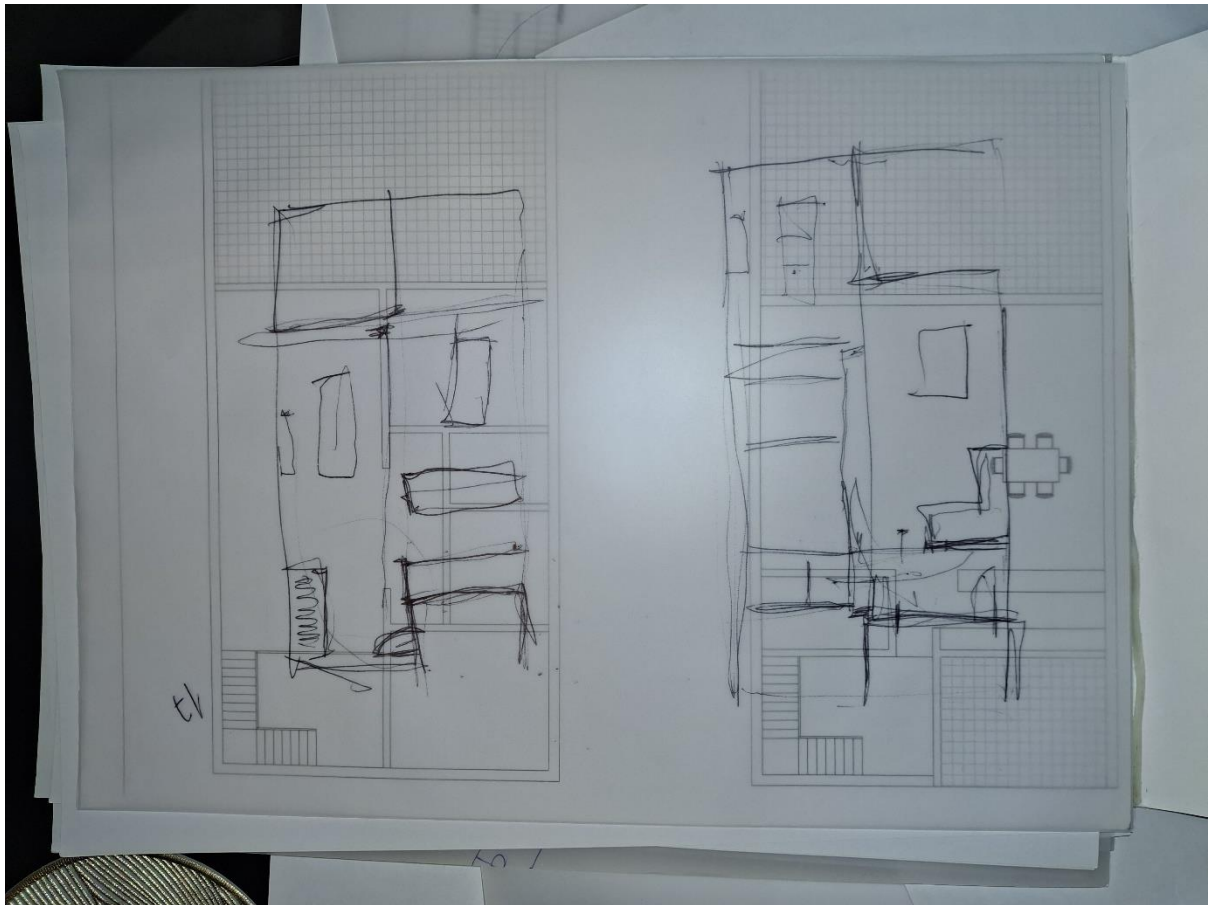
Projeto

Este capítulo apresenta o desenvolvimento do projeto Lima 5, uma proposta situada na cidade do Porto, construída sobre a memória de um vazio urbano e orientada por princípios de habitação acessível, infraestrutura social e valorização do espaço público. O terreno, atualmente ocupado por uma ruína, surge como uma continuidade possível da malha urbana existente, numa zona que, apesar de central, se encontra fragmentada e subaproveitada. A proposta parte da realidade local, física e social, para imaginar um novo modo de habitar, um novo território partilhado.

O projeto insere-se na zona envolvente do Estádio do Lima, entre a Rua do Lima e a Rua da Constituição. A área de intervenção prolonga uma rua pedonal existente, que tende a conectar os dois extremos, mas que, na prática, é interrompida pelo próprio estádio. Esta ideia de eixo, iniciado, mas nunca completado, serve como base para a decisão de projeto. O Lima 5 pretende retomar essa linha de continuidade, construindo cidade a partir da costura dos seus interstícios e devolvendo vida a um vazio que, embora esquecido, mantém ainda marcas de pertença e memória.

A proposta organiza-se em torno de três programas principais: habitação social, creche pública e espaço público qualificado. A habitação é desenhada segundo princípios de racionalidade construtiva e espacial, com tipologias adaptáveis, circulação exterior e corredores comuns que retomam, de forma contemporânea, o espírito das ilhas. A creche, integrada no conjunto, mas com autonomia funcional, responde à carência de equipamentos públicos de apoio à infância na zona. Entre ambos, os vazios transformam-se em território comum: pátios, zonas verdes, percursos e lugares de permanência, pensados para o encontro e para a apropriação progressiva pelos habitantes.

A ideia do equipamento público, neste caso, a creche, surgiu após o reconhecimento de um problema nacional crescente: a escassez de vagas e a urgência de responder à resolução do governo que estabelece a gratuidade da frequência para todas as crianças até aos 3 anos. Segundo a Carta Social 2023, Portugal apresenta uma taxa de cobertura de apenas 52% neste tipo de equipamentos, revelando uma necessidade clara de novas respostas sociais.



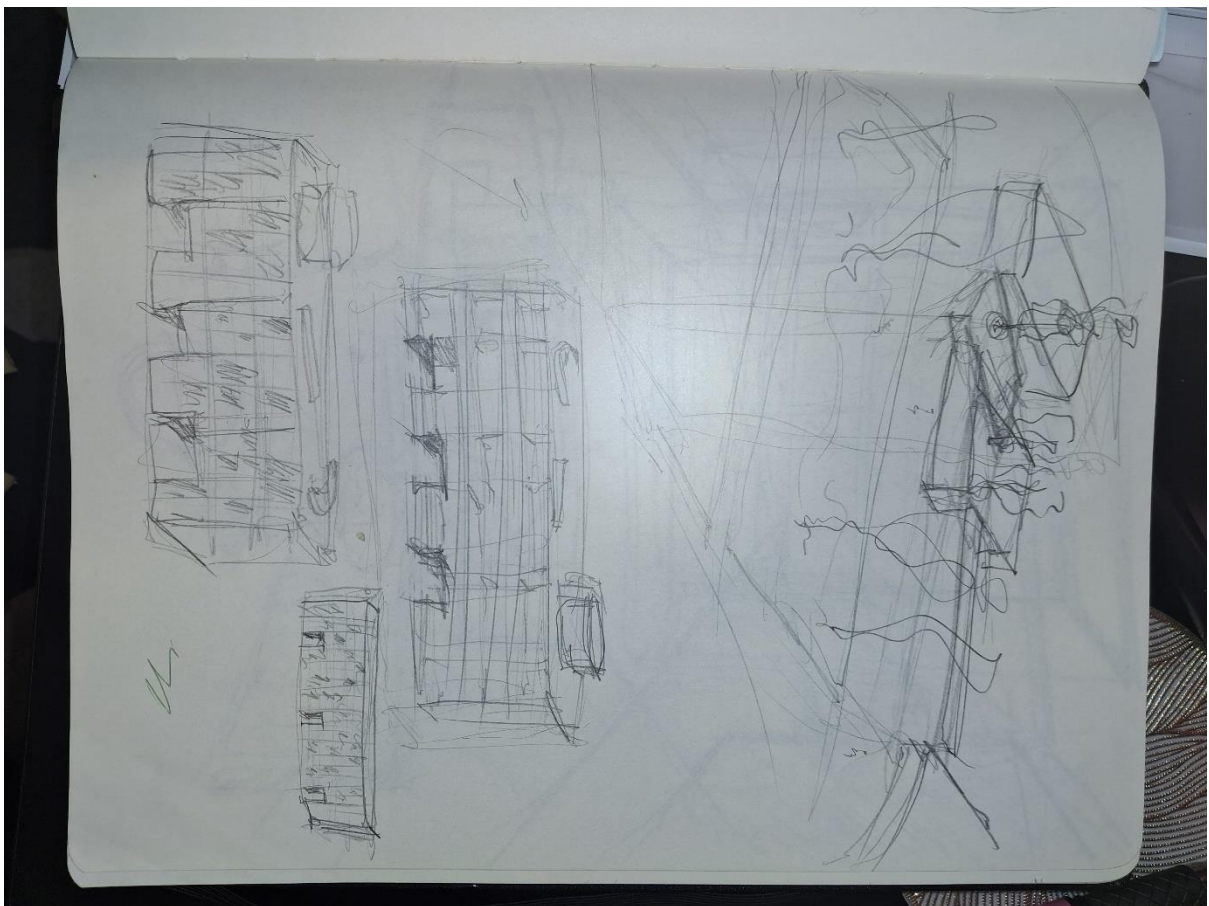
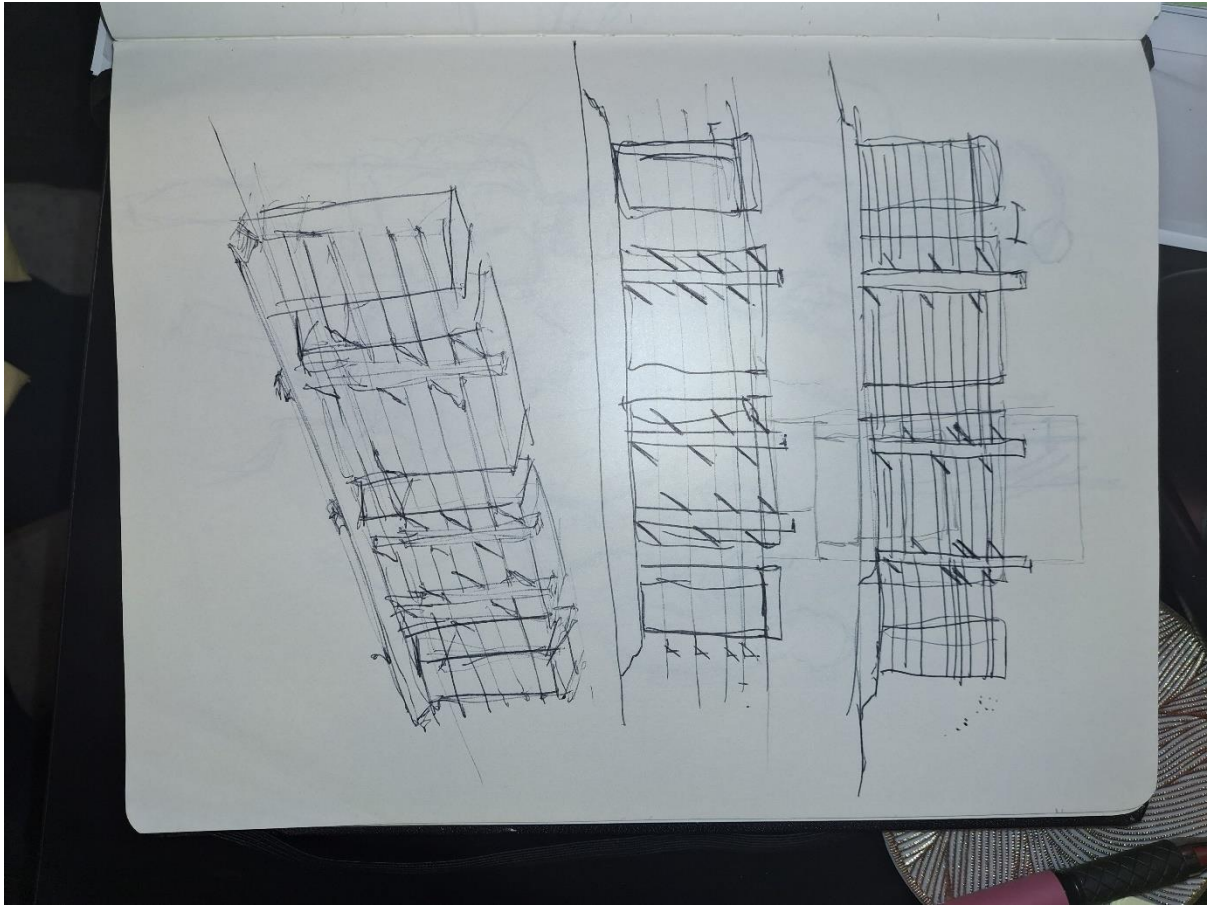
A creche comunica diretamente com a natureza envolvente e tem como premissa uma relação sensorial e afetiva com o espaço exterior. Os pátios triangulares reforçam essa conexão, funcionando como elementos de ventilação cruzada, acesso visual e proteção da intimidade interior. Os grandes envidraçados dos corredores permitem a permeabilidade entre interior e exterior, transformando a experiência quotidiana num percurso contínuo com a natureza. A escolha de materiais é deliberadamente simples e honesta: betão armado aparente e caixilharias em madeira escura, que conferem robustez, durabilidade e uma atmosfera acolhedora.

As habitações, por sua vez, estão organizadas em dois blocos lineares sobrepostos, com cinco pisos cada. Cada piso é composto por dois T2 com cerca de 70 m². A construção é tradicional, com estrutura em betão armado, paredes com isolamento térmico e alvenaria de tijolo, rebocada e pintada. As fachadas são revestidas com placas de pedra basáltica com a inclusão de apliques metálicos. A caixilharia é em PVC com corte térmico, e a cobertura é plana, com isolamento e impermeabilização.

O layout das habitações é funcional e eficiente, com varandas generosas voltadas para o exterior e circulação vertical por escadas exteriores. Estas habitações foram diretamente inspiradas nas ilhas do Porto, tanto na sua escala e organização como no espírito de vivência coletiva e partilhada que estas promoviam. Mantém-se a forte conexão com a natureza e a criação de um corredor vertical exterior, que procura proporcionar essa integração entre vizinhos e reforçar a vida em comunidade. O projeto é intencionalmente livre de desenho nas zonas públicas exteriores, para incentivar a apropriação espontânea dos espaços pelos habitantes, tal como acontecia nas ilhas e nos bairros populares da cidade.

O espaço exterior é tratado como prioridade, refletindo a escassez de zonas verdes de qualidade na cidade. Os jardins e pátios contribuem para a biodiversidade, o conforto térmico e o bem-estar dos utilizadores. O estacionamento é integrado no layout à cota do terreno e não foi enterrado, respeitando a topografia existente e simplificando a execução da obra.

A antiga bancada do Estádio do Lima é preservada parcialmente: foi recuada no local da implantação da creche, mas manteve a sua curvatura original, respeitando a



memória afetiva do local. Esta curvatura orientou diretamente o eixo inclinado da creche, tornando-se o gesto gerador de todo o seu desenho.

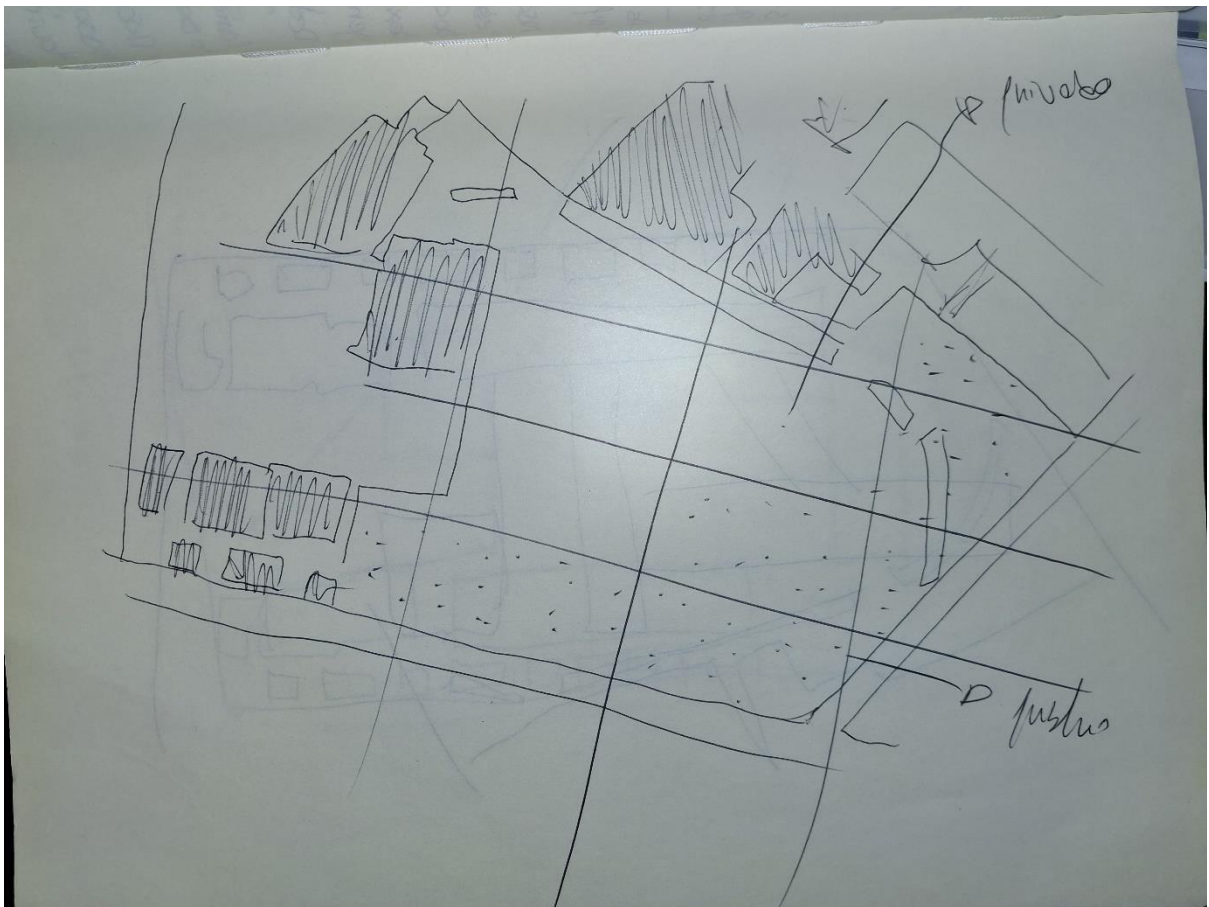
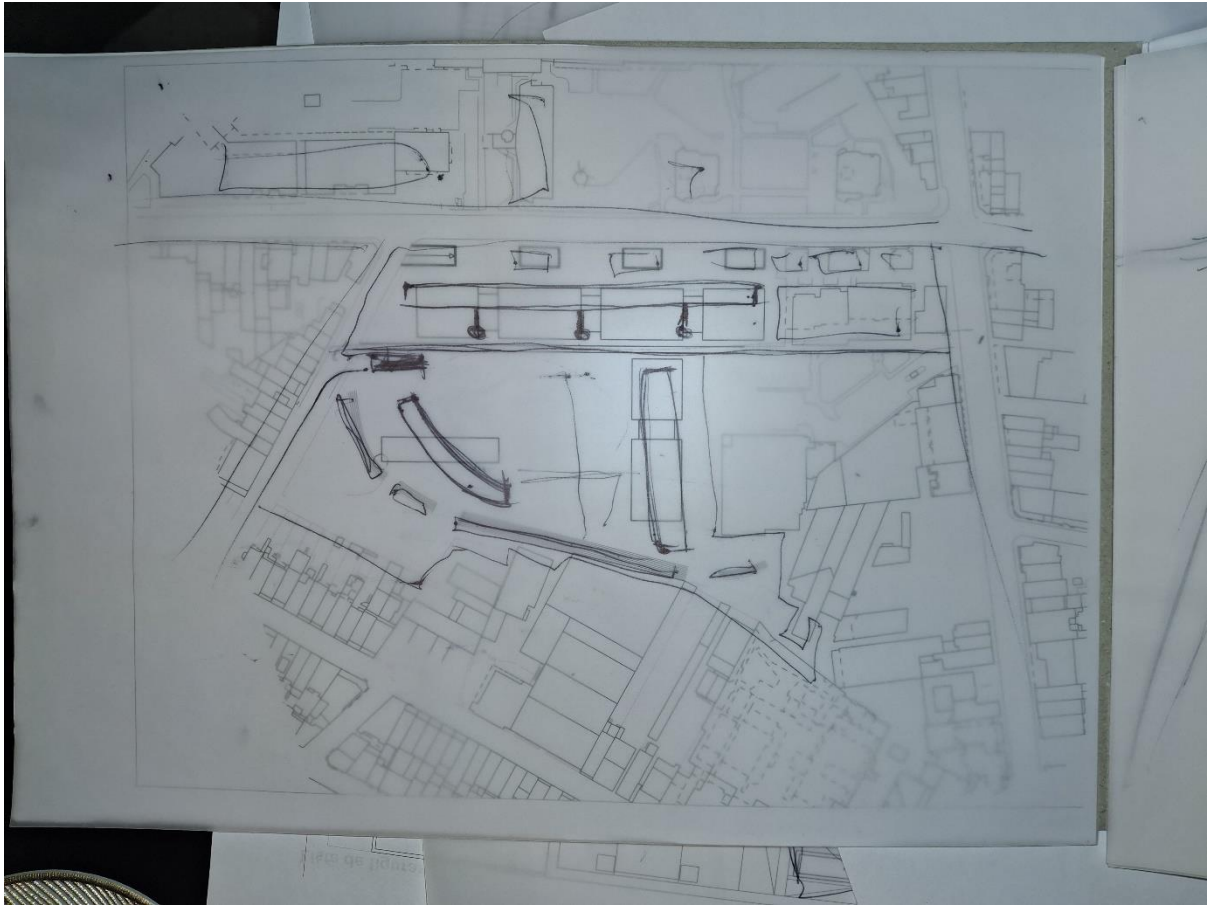
O projeto não procura criar um objeto isolado, mas sim recompor uma continuidade urbana interrompida, convocando a memória coletiva e a vida em comunidade. A relação com o café Lima, ponto de referência simbólica e social no bairro, dá nome ao projeto e reforça a sua inserção no cotidiano. Não se trata apenas de construir edifícios, mas de reconhecer dinâmicas pré-existentes e prolongá-las no tempo, com novas ferramentas.

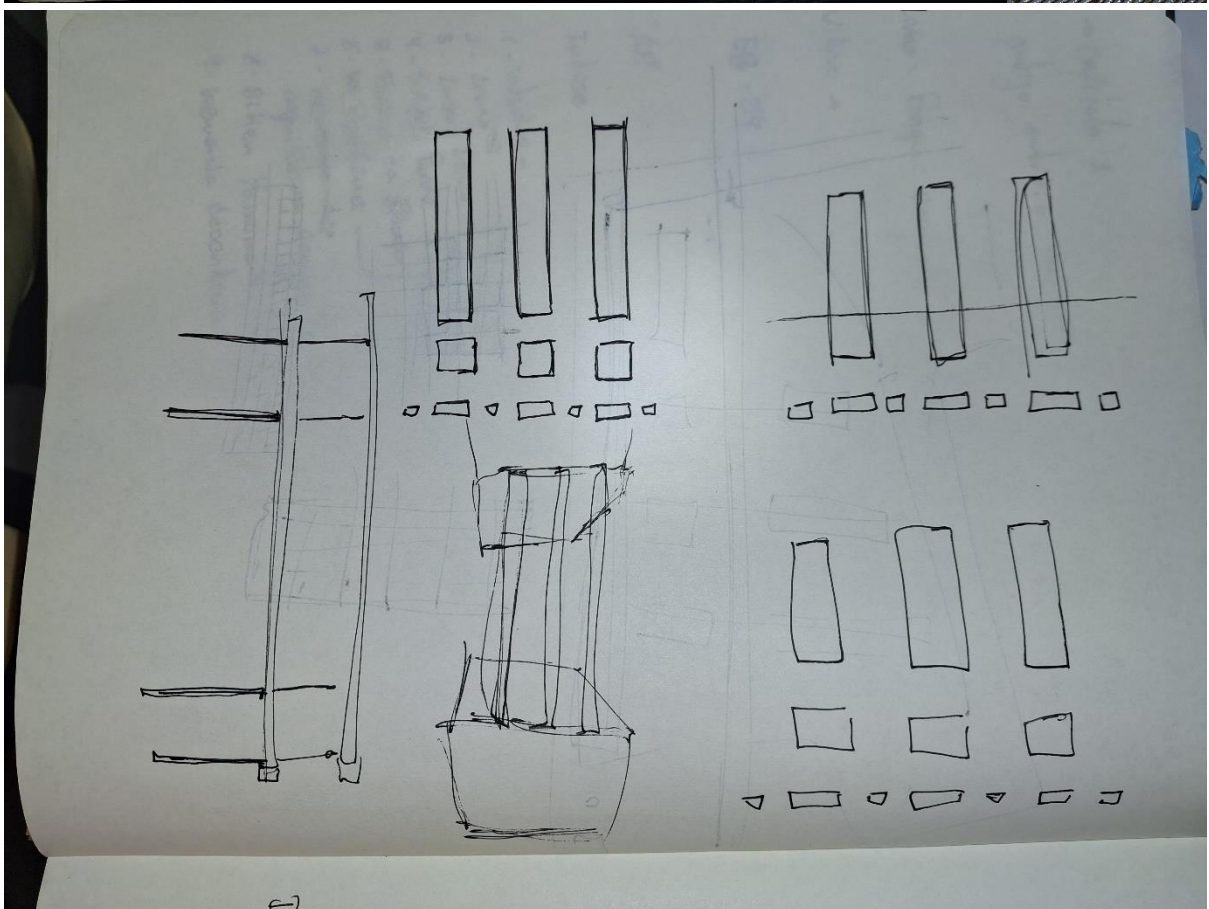
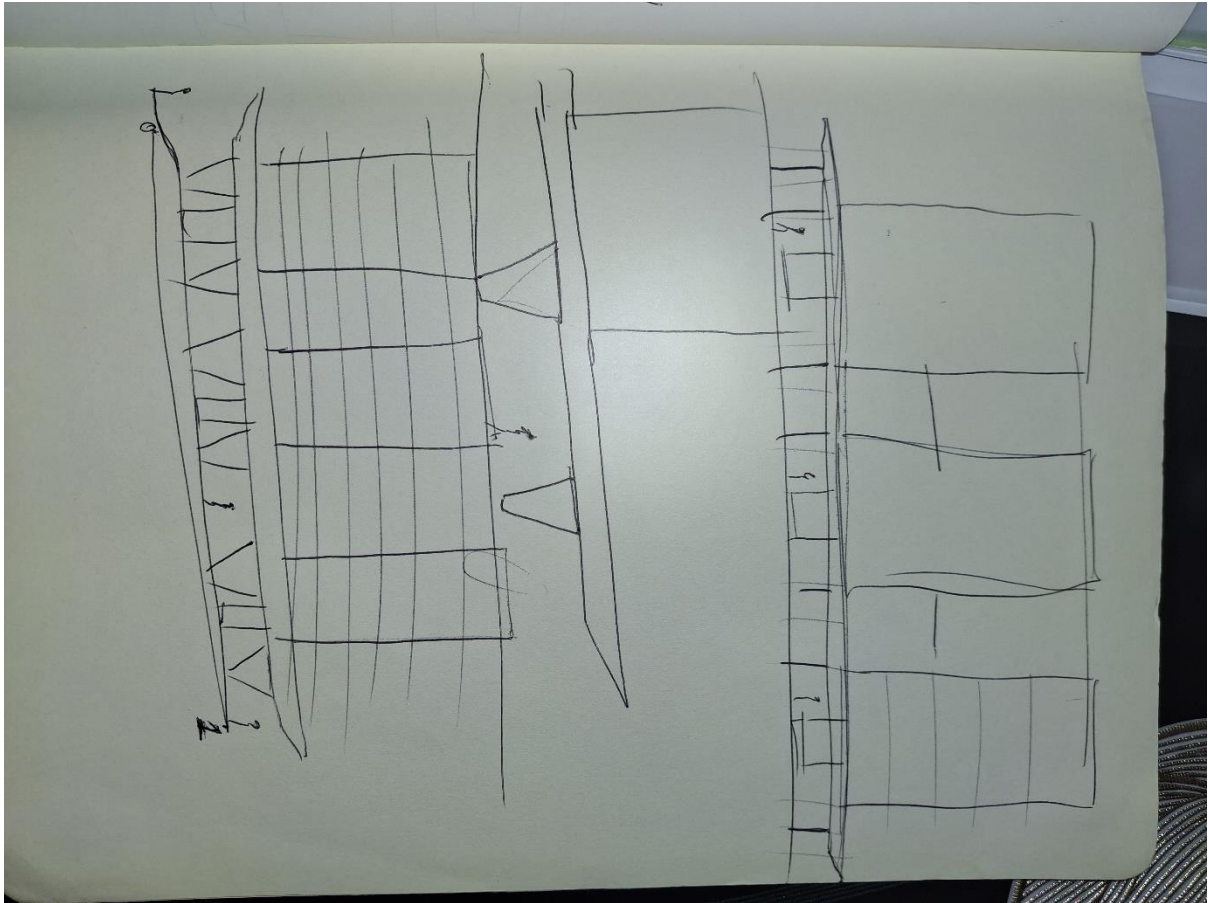
Inspirado pelos princípios do SAAL, o projeto assume uma postura crítica face à produção habitacional contemporânea, propondo alternativas baseadas na escala humana, na clareza tipológica, na frugalidade construtiva e na generosidade dos espaços comuns. Assim como os bairros da Bouça e da Pasteleira foram desenhados com uma lógica de vizinhança e território partilhado, também aqui se procura construir não apenas um conjunto habitacional, mas uma possibilidade de cidade.

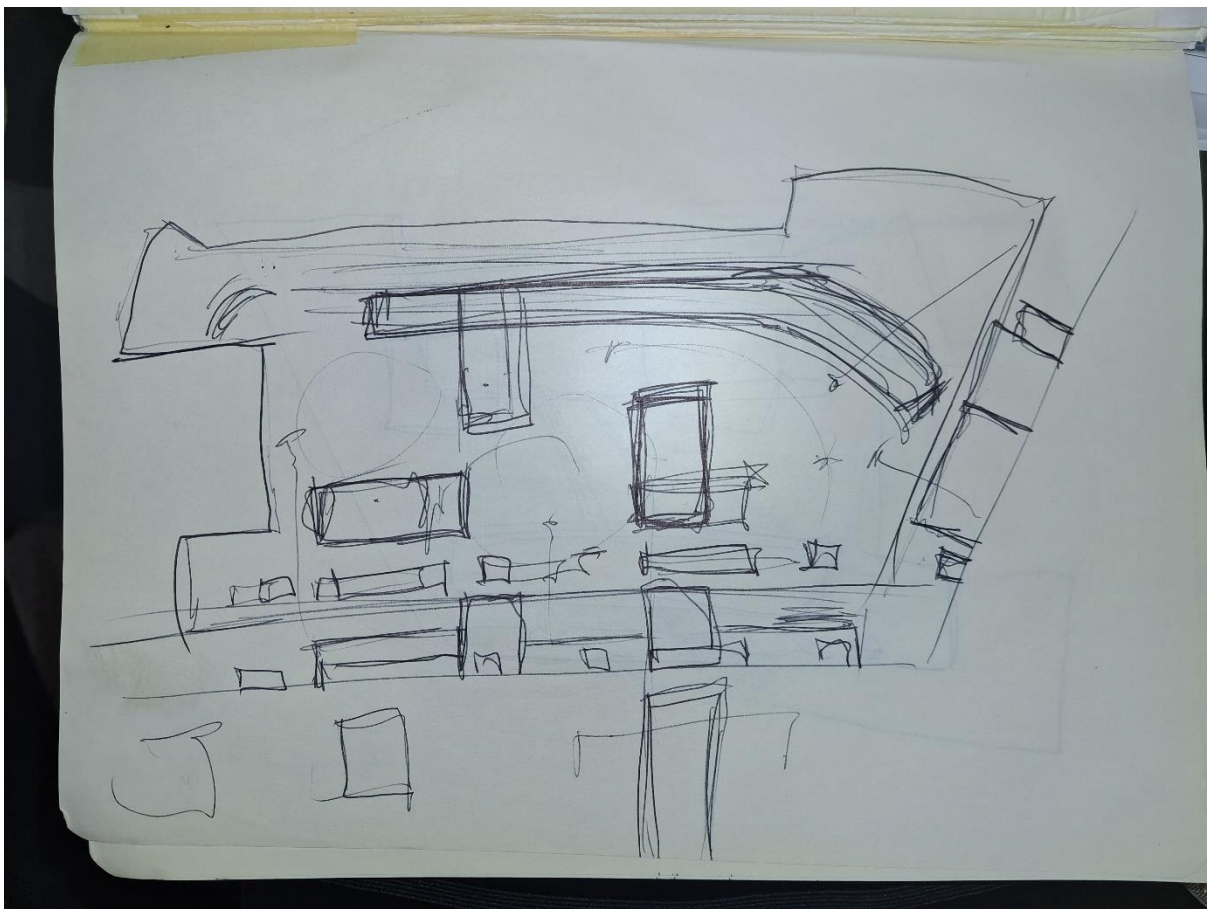
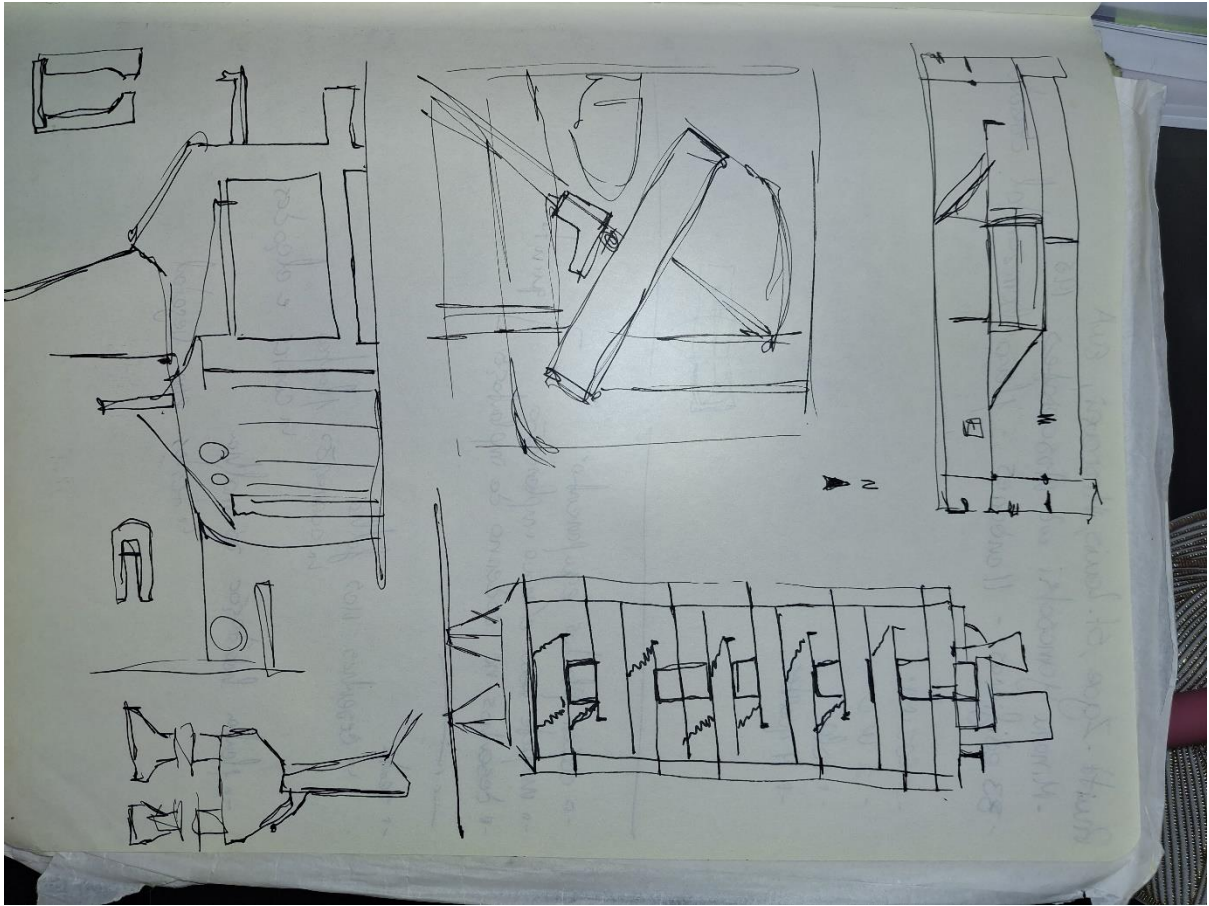
A formalização do projeto parte da topografia existente, da leitura das pré-existências e do desenho de um sistema construtivo racional, capaz de se adaptar a diferentes usos e tempos. Ainda que não tenha resultado de um processo participativo nos moldes tradicionais, o Lima 5 assume-se como uma proposta politicamente comprometida com a cidade e com os seus habitantes.

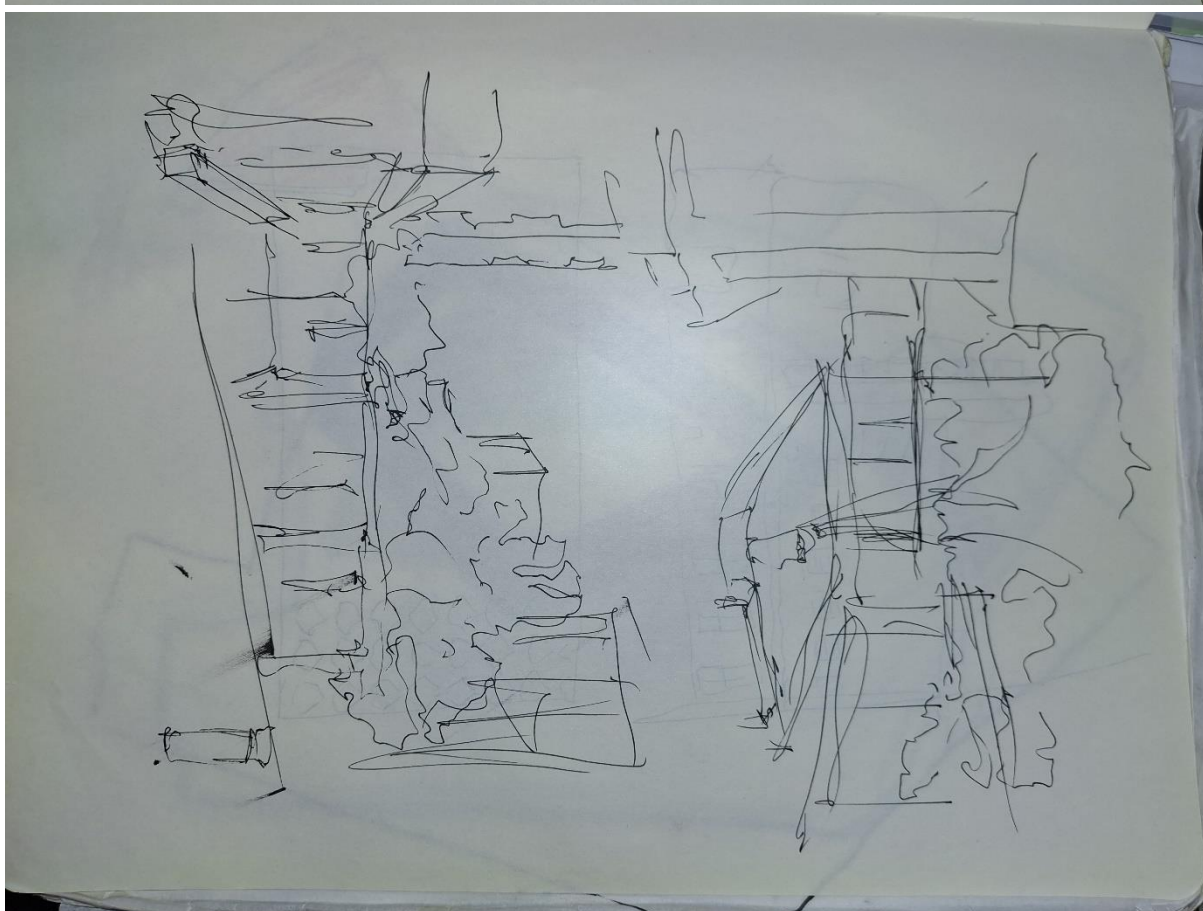
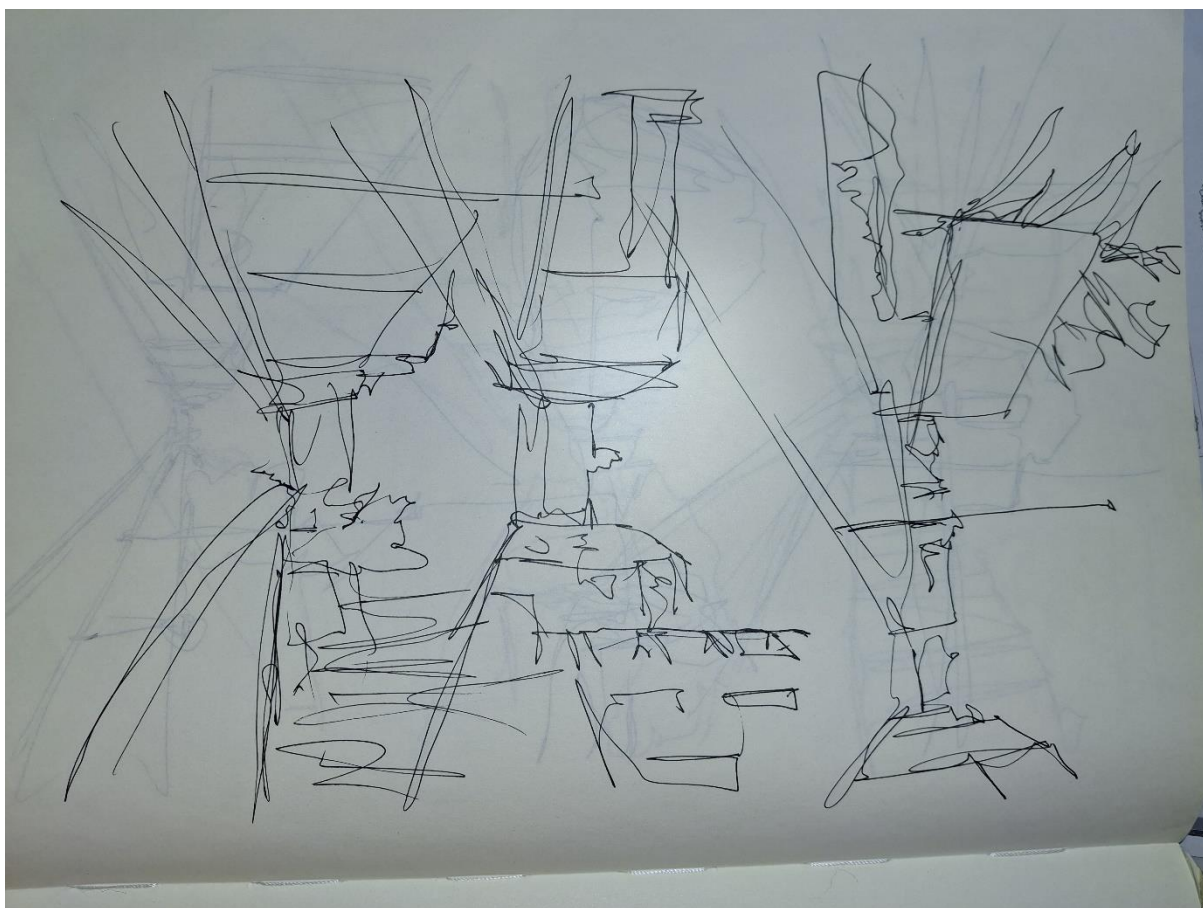
O “Lima 5” é, acima de tudo, uma tentativa de reativar um lugar esquecido, devolvendo-lhe centralidade, sentido e dignidade.

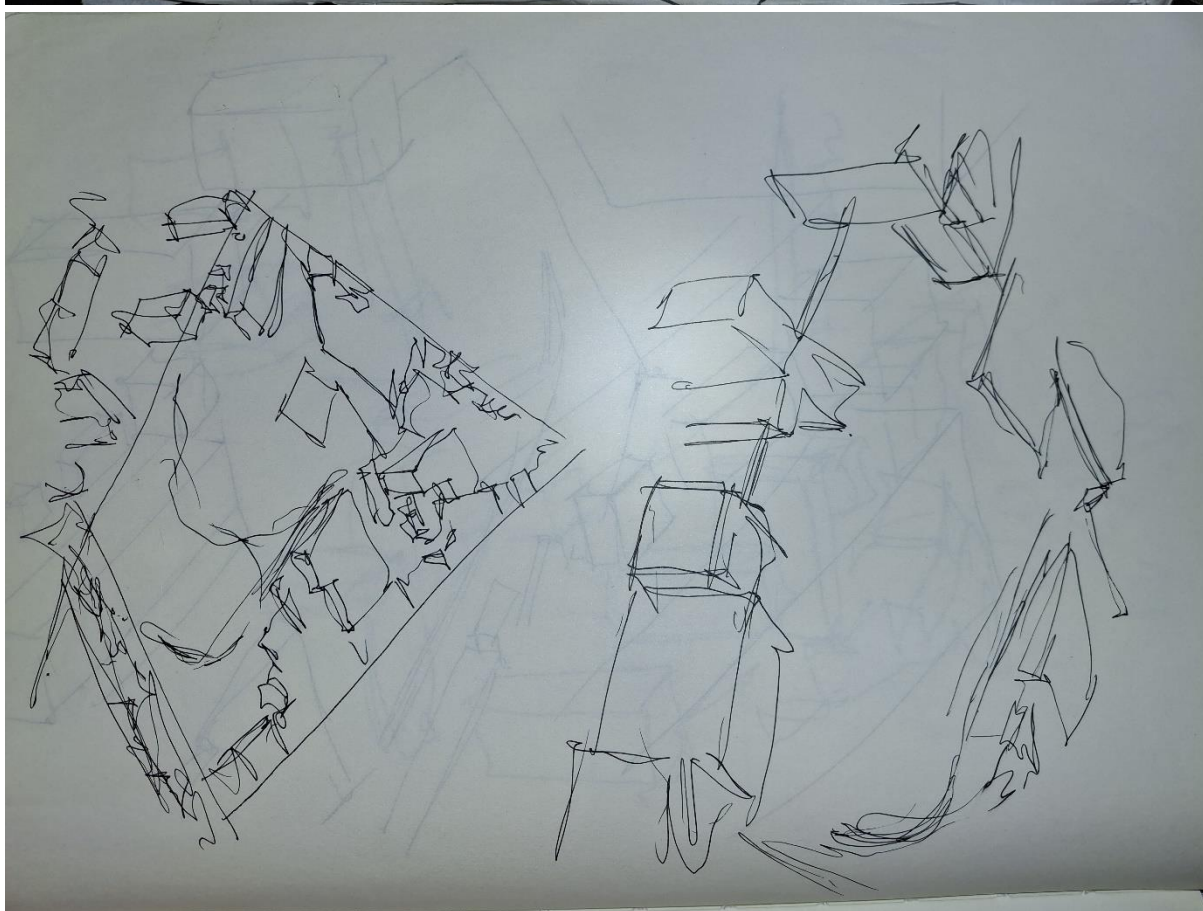
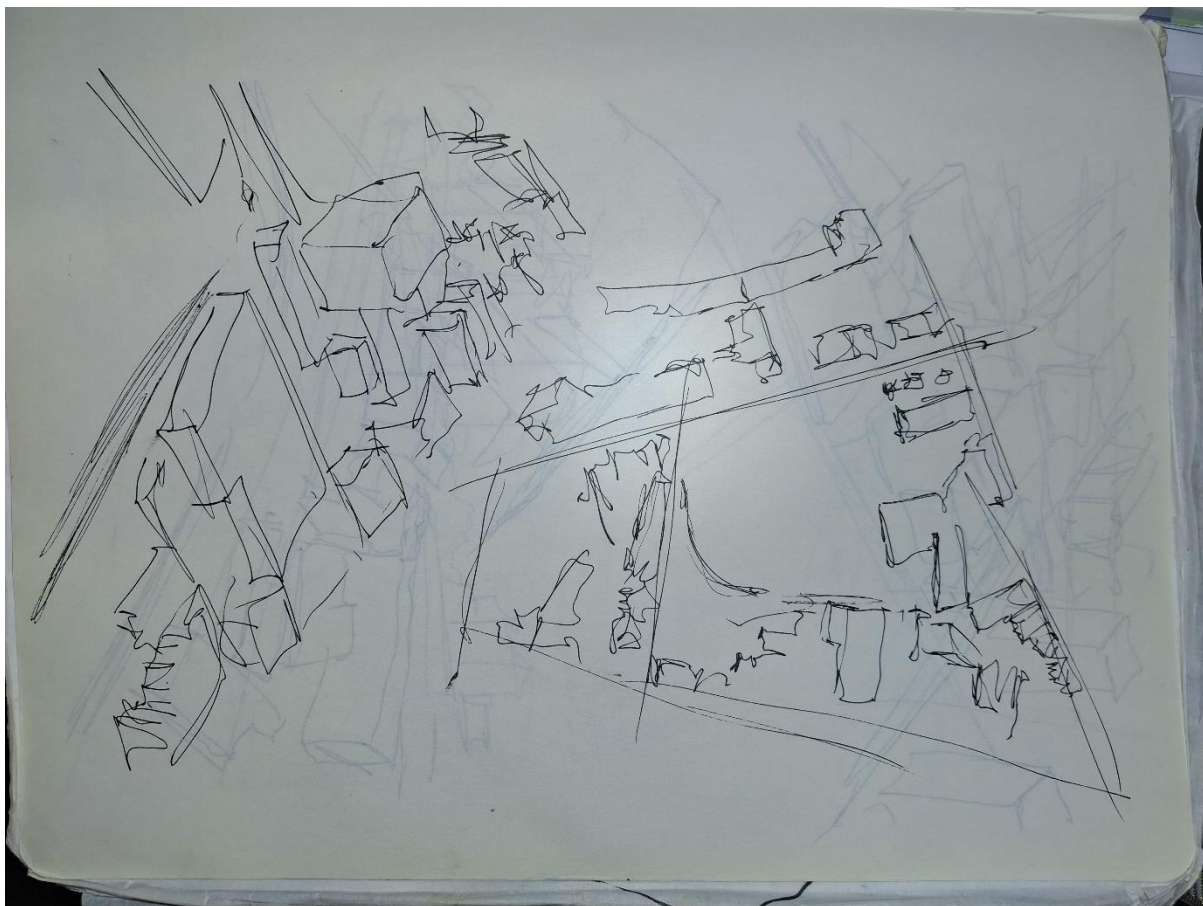
.

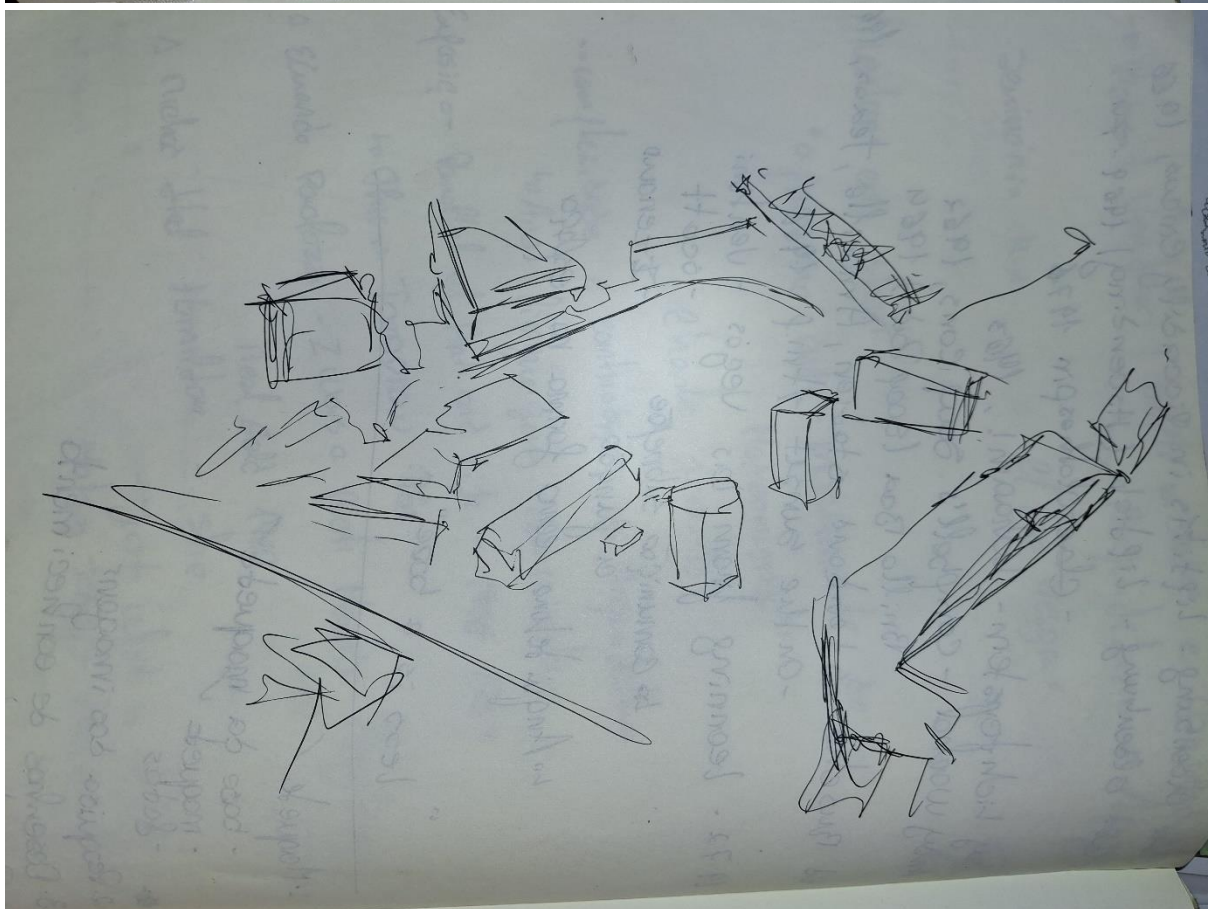
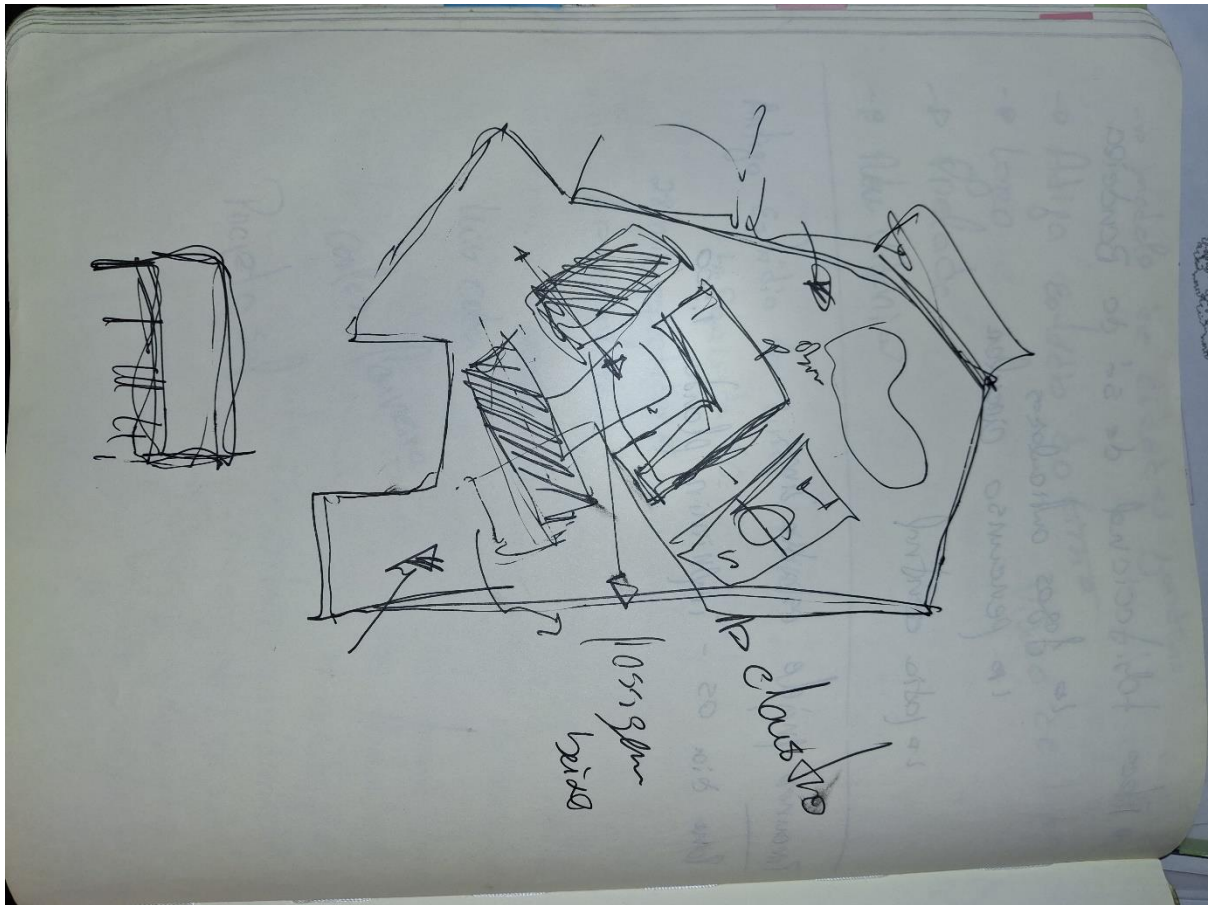












Considerações finais

O projeto Lima 5 propõe uma intervenção urbana focada na habitação acessível, refletindo sobre o papel social e urbano da arquitetura contemporânea. Através da análise do contexto do Bonfim e da memória do SAAL, o trabalho apresenta uma proposta integrada que responde aos desafios atuais da cidade do Porto. A introdução de uma creche e de um espaço verde coletivo complementa a componente habitacional, reforçando os laços comunitários e a vitalidade do espaço público. Mais do que um exercício formal, trata-se de um gesto urbano comprometido com o direito à cidade, com a valorização do lugar e com a construção de alternativas habitacionais sustentáveis e inclusivas.

Referencias. Bibliográficas

Portas, Nuno. *Arquitectura e Urbanismo: entre o projecto e a política*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

Portas, Nuno. *Habitar Portugal*. Lisboa: FAUP Edições.

Rossi, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2021.

Lynch, Kevin. *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 2020.

Távora, Fernando. *Da Organização do Espaço*. Porto: FAUP Publicações, 2015.

Siza Vieira, Álvaro. *Bouça: Projecto SAAL*. Documentação de Arquivo FAUP.

Costa, Alexandre Alves, e Fernandez, Sérgio. *Bairro de São Victor: Memória e Continuidade*. FAUP Publicações.

Câmara Municipal do Porto. *Plano Diretor Municipal*. 2020.

INE – Instituto Nacional de Estatística. *Censos 2021*. Lisboa.

Habitação Hoje: *Desafios e Estratégias*. Ministério das Infraestruturas, 2022.

FAUP. *Relatório Técnico: Ilhas do Porto*. 2019.

IBA Berlin. *Internationale Bauausstellung Berlin 1987*. Catálogo Oficial.

Portas, Nuno. *Arquitectura e Urbanismo: entre o projecto e a política*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

Portas, Nuno. *Habitar Portugal*. Lisboa: FAUP Edições.

ensina.rtp.pt+3pt.wikipedia.org+3storyscribe1.com+3arxiv.org 18/07/2025

storyscribe1.com 18/07/2025

<https://portoalities.com/pt/guia-para-explorar-bonfim-porto/> 18/07/2025

<https://viva-porto.pt/ilhas-do-porto/> 18/07/2025

<https://observador.pt/2017/07/01/ilhas-tipicas-do-porto-ganham-nova-vida-com-turistas-e-estudantes/> 18/07/2025

<https://etcetaljornal.pt/j/2015/05/porto-tem-quase-mil-ilhas-e-campanha-e-a-capital-do-arquipelago/> 18/07/2025

<http://www.hufeisensiedlung.info/geschichte/bau-der-siedlung/zahlen-und-fakten-zur-siedlung.html> 18/07/2025

<https://hansaviertel.berlin/en/bauwerke/altonaer-strasse-4-14-oscar-niemeyer/> 18/07/2025

<https://viva-porto.pt/camara-do-porto-apresenta-fotografias-ineditas-da-revolucao-de-abril-no-porto/> 18/07/2025

<https://www.archdaily.com.br/br/892456/os-universalistas-50-anos-de-arquitECTURA-portuguesa-parte-2/5acf6afaf197ccc2b40001c3-os-universalistas-50-anos-de-arquitECTURA-portuguesa-parte-2-foto> 18/07/2025

<https://arquitecturaviva.com/works/viviendas-sociales-en-bouca-4> 18/07/2025

<https://drawingmatter.org/alvaro-siza-saal-bouca-housing-porto/> 18/07/2025

<https://etcetaljornal.pt/j/2021/02/trabalhos-de-reabilitacao-em-mais-vinte-blocos-do-bairro-da-pasteleira/> 18/07/2025

<https://etcetaljornal.pt/j/2021/02/trabalhos-de-reabilitacao-em-mais-vinte-blocos-do-bairro-da-pasteleira/> 18/07/2025

<https://jornalonline.pt/porto-reabilitacao-do-bairro-da-pasteleira-entrou-na-ultima-fase/> 18/07/2025

<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/turistifica%C3%A7%C3%A3o> 18/07/2025

<https://pdm.cm-porto.pt/documentacao/> 18/07/2025

<https://ensina.rtp.pt/artigo/o-claustro-renascentista-do-convento-de-cristo/> 18/07/2025

https://en.wikipedia.org/wiki/Garden_city_movement 18/07/2025

<https://werkarkitekter.dk/projects/stubkaj/> 18/07/2025

https://www.archdaily.com.br/br/914809/lacaton-and-vassal-vence-o-premio-mies-van-der-rohe-2019-de-arquitetura-contemporanea/5cadc9c0284dd1e5fc000001-grand-parc-bordeaux-wins-2019-eu-prize-for-contemporary-architecture-mies-van-der-rohe-award-photo?next_project=no 18/07/2025

<https://www.publico.pt/2022/02/08/local/noticia/vai-possivel-voltar-parar-lima-5-vai-reabrir-nova-gerencia-1994340?utm> 18/07/2025

<https://www.portosecretspots.com/post/o-acad%C3%A9mico-futebol-clube-e-o-est%C3%A1dio-do-lima-no-porto?utm> 18/07/2025

https://www.facebook.com/privacy/consent/?flow=ad_free_subscription¶ms%5Bqp_id%5D=707418534711189¶ms%5Bgcl_experience_id%5D=f5911634-be24-4e4a-adbf-d00b48b97e95&source=facebook_dismissible_118/07/2025

<https://intranet.pogmacva.com/es/obras/71597> 18/07/2025

<https://divisare.com/projects/326921-rcr-arquitectes-simon-garcia-tossols-basil-athletics-track-equipment> 18/07/2025

<https://osanosdanewwave.blogs.sapo.pt/trabalhadores-do-comercio-lima-5-264589> 18/07/2025

<https://maisfutebol.iol.pt/caminhos-de-portugal/academico-porto/academico-a-historia-do-futebol-esteve-aqui> 18/07/2025

https://www.revistapunkto.com/2014/06/o-simposio-saal-em-retrospectiva-ana_6.html 18/07/2025

<https://www.archdaily.com.br/br/1018879/edificio-ilot-saint-germain-francois-brugel-architectes-associés-plus-h2o-architectes-plus-antoine-regnault-architecture-plus-elise-et-martin-hennebique-paysagistes> 18/07/2025

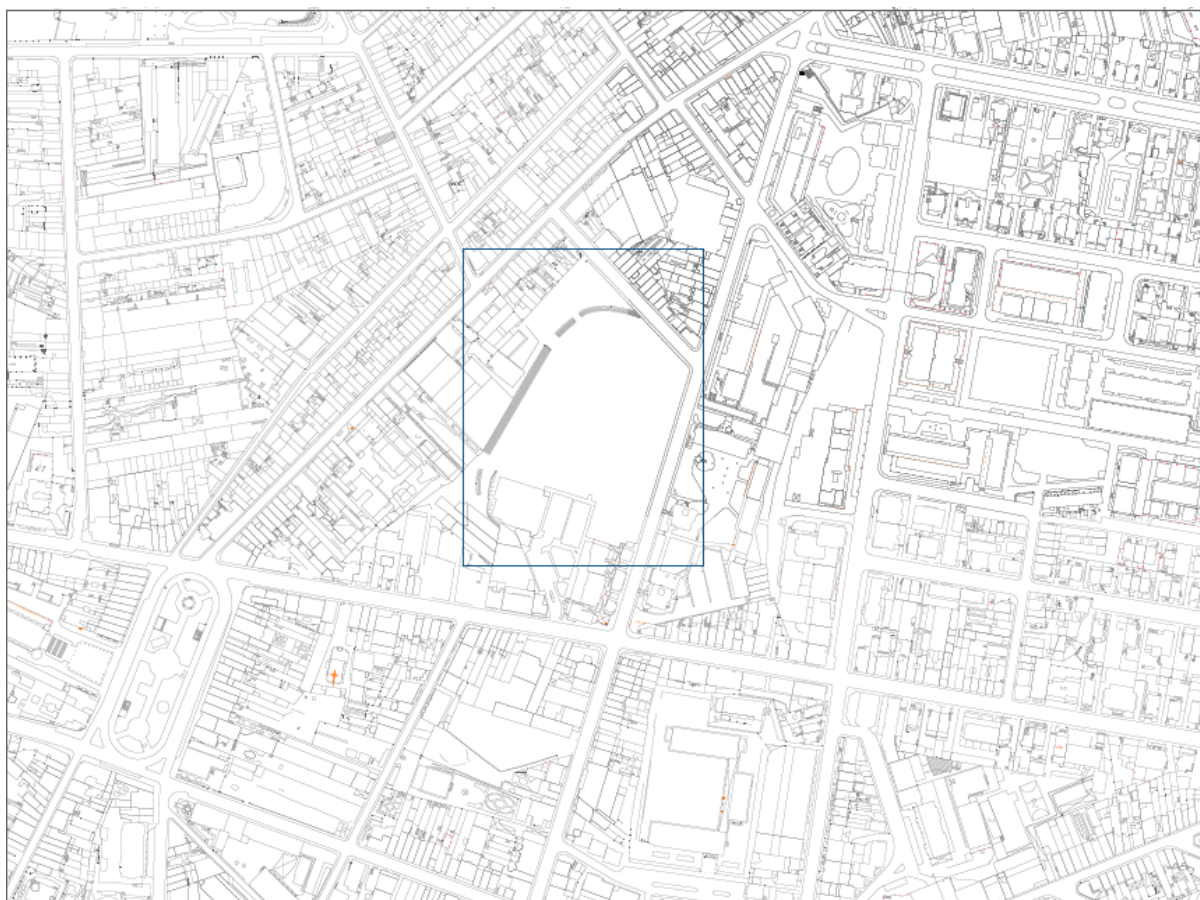
<https://digitarq.arquivos.pt/>

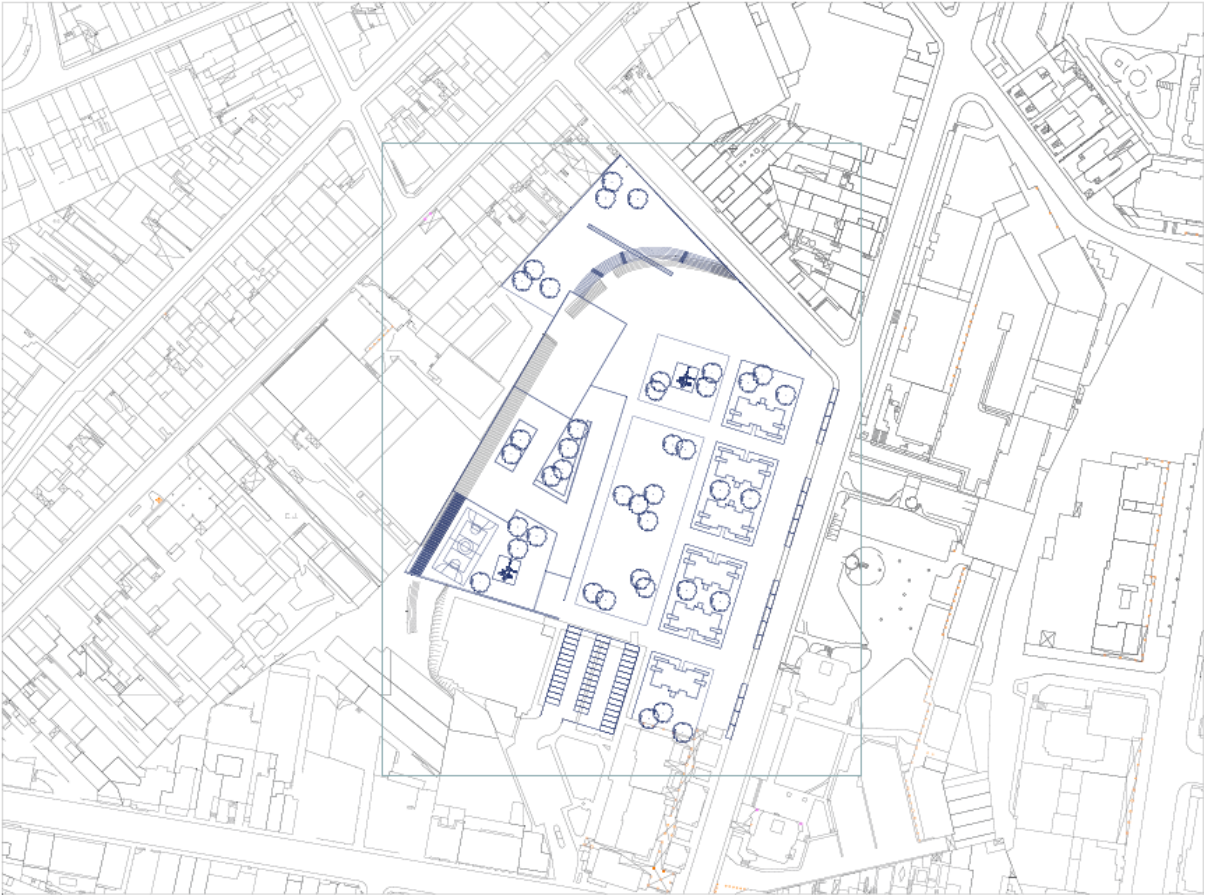
<https://cargocollective.com/filipargonzaga-arquivo/LIMA-5-HABITACAO-EQUIPAMENTO> 18/07/2025

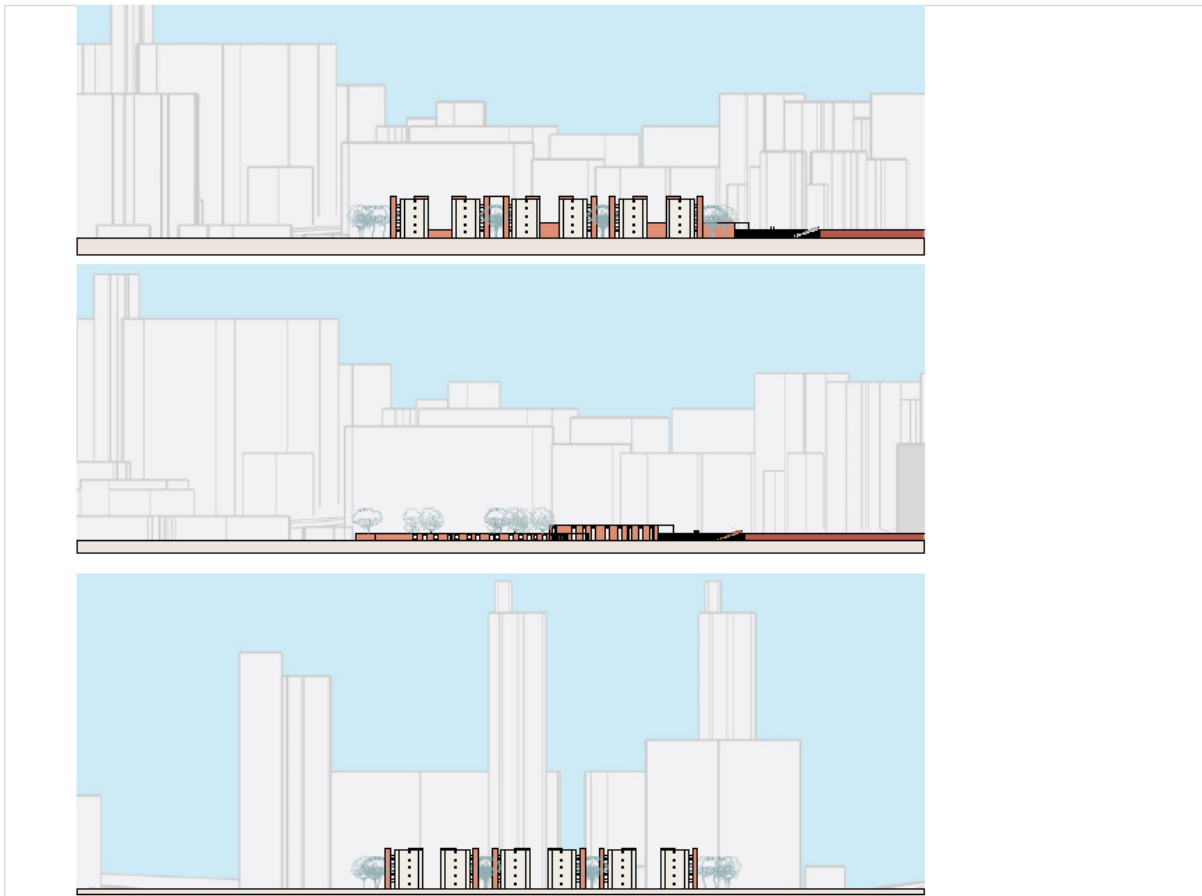
Lista de figuras

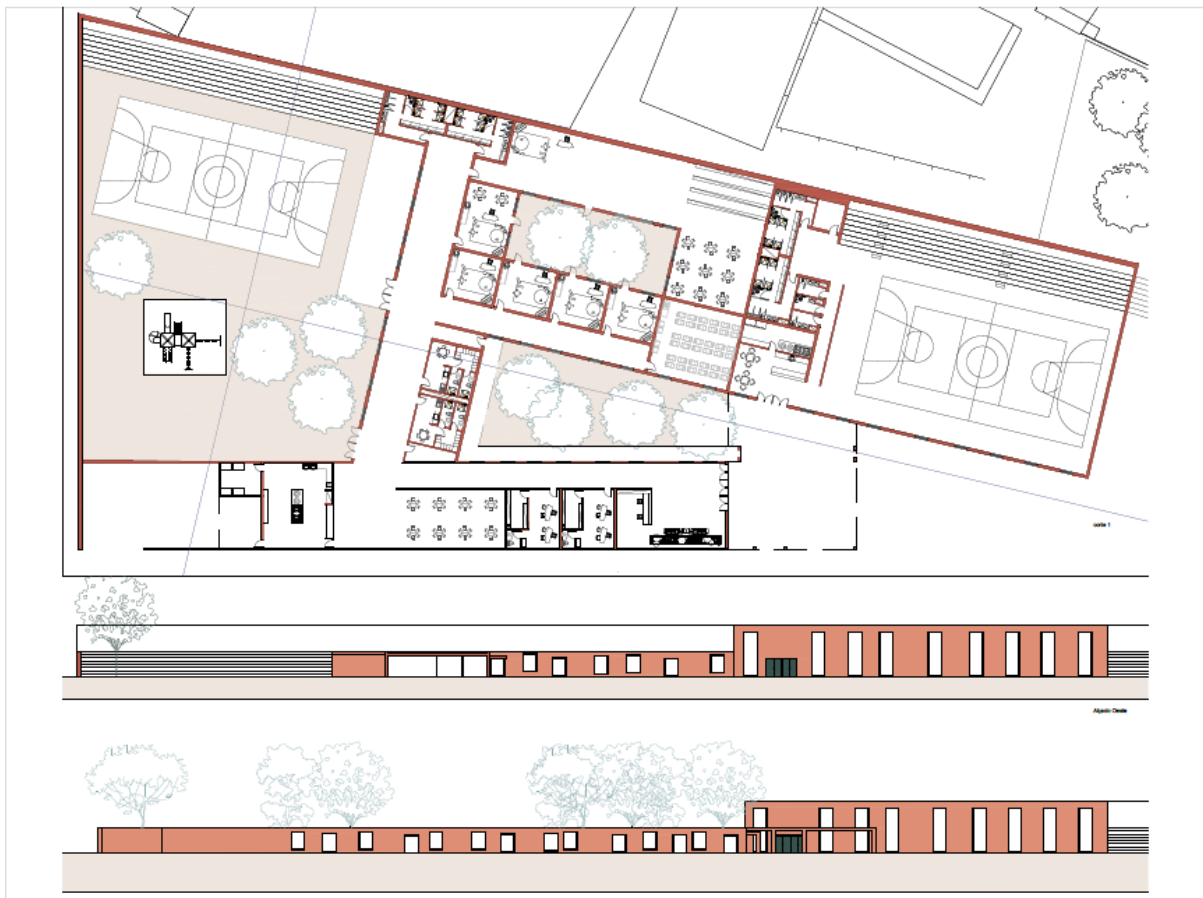
Figura 1. Localização do terreno na malha urbana da cidade do Porto.	18
Figura 2. Planta de enquadramento urbano e acessibilidades ao local de intervenção.....	20
Figura 3. Fotografia do antigo Estádio do Lima.....	24
Figura 4. Análise morfológica da zona envolvente.	26
Figura 5. Evolução histórica do quarteirão e do vazio urbano.....	28
Figura 6. Fotografia antiga estádio do Lima	30
Figura 7. Fotografia do mural atual	32
Figura 8. Berlin-Neukölln, Ortsteil Britz	42
Figura 9. Altonaer Straße 4–14	44
Figura 10. Revolução de abril no porto	46
Figura 11. Bairro de São Vitor /SAAL Norte.....	48
Figura 12. Bouça Social Housing, Porto.....	50
Figura 13. Bouça Social Housing, Porto, planta.....	52
Figura 14. Bairro da Pasteleira.....	54
Figura 15. Bairro da Pasteleira.....	56

Anexos









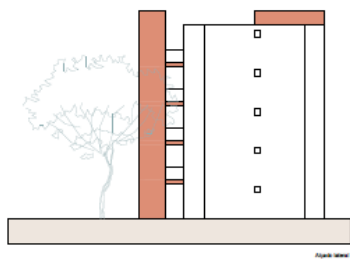


Figure 100

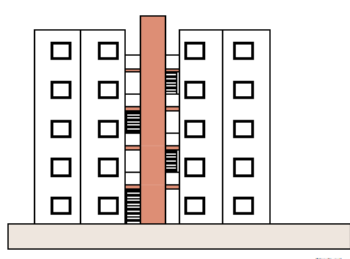


Figure 101

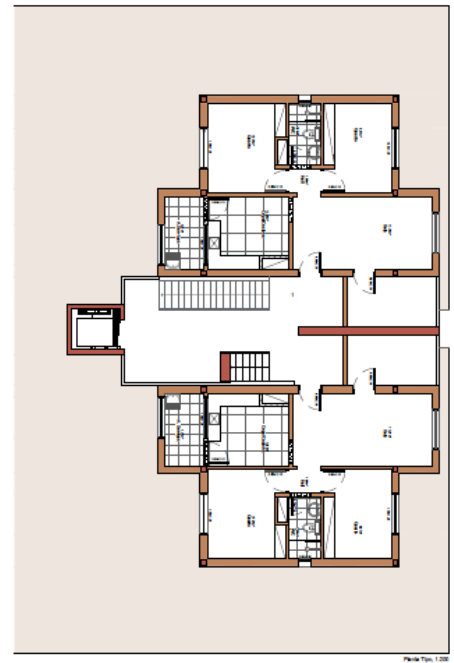
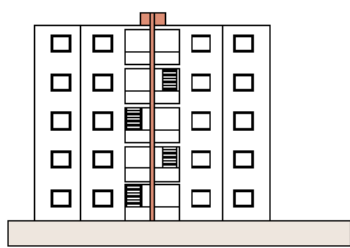


Figure 102

